

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Juliet Schuster Pereira

**A construção da identidade picta em escritores do Império Romano durante o
governo romano na *Britannia* (43 – 409 e.c.)**

Porto Alegre

2012

Juliet Schuster Pereira

A construção da identidade picta em escritores do Império Romano durante o governo romano na *Britannia* (43 – 409 e.c.)

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História, pelo curso de história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas

Porto Alegre

2012

Juliet Schuster Pereira

A construção da identidade picta em escritores do Império Romano durante o governo romano na *Britannia* (43 – 409 e.c.)

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em História, pelo curso de história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof.

Prof.

Porto Alegre

2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador pela constante ajuda e incentivo na elaboração deste trabalho. Pelo incentivo, agradeço também ao meu amigo Dominique, que tanto me auxiliou quando eu ainda achava não ser possível pesquisar sobre um tema tão diferente e novo no Brasil. Agradeço também ao meu colega André Reinke pela ajuda com os mapas, e a todos os outros que me apoiaram e estimularam de alguma maneira.

“There is no land beyond us and even the sea is no safe refuge when we are threatened by the Roman fleet.... We are the last people on earth, and the last to be free: our very remoteness in a land known only to rumour has protected us up till this day. Today the furthest bounds of Britain lie open—and everything unknown is given an inflated worth. But now there is no people beyond us, nothing but tides and rocks and, more deadly than these, the Romans. It is no use trying to escape their arrogance by submission or good behaviour. They have pillaged the world: when the land has nothing left for men who ravage everything, they scour the sea. If an enemy is rich, they are greedy, if he is poor, they crave glory. Neither East nor West can sate their appetite. They are the only people on earth to covet wealth and poverty with equal craving. They plunder, they butcher, they ravish, and call it by the lying name of 'empire'. They make a desert and call it 'peace'”

Discurso atribuído por Tácito ao líder da confederação da Caledônia, Calgacus, diante de suas tropas antes do enfrentamento com Agrícola.

(Tácito, *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 30)

RESUMO

A história dos pictos é envolta por enigmas e mistérios, um deles é sua origem: esta tem sido tratada como a rápida tomada de consciência de um comum pertencimento por parte das diversas sociedades que habitavam o norte da Grã-Bretanha devido ao confronto com um inimigo maior - os romanos, o que os teria levado a perceber suas similaridades. Porém, de acordo com a teoria de James E. Fraser, especialista no assunto, a identidade picta seria uma construção exógena. Seguindo esta hipótese e tomando como apoio o conceito de “atribuição categorial” de Frederick Barth, o presente trabalho tem como objetivo constatar que elementos desta construção exógena são possíveis identificar nas obras de escritores do Império Romano.

Palavras-chave: bretões; pictos; Império Romano; identidade; atribuição categorial; autores clássicos.

ABSTRACT

The history of the Picts is shrouded in riddles and mysteries, one of them is their origin: this has been treated as the rapid awareness of a common belonging by the various societies that inhabited northern Britain due to confrontation with a major enemy - the Romans, which would have taken them to realize their similarities. However, according to the theory of James E. Fraser, an expert on the subject, the Pictish identity would be an exogenous construct. Following this hypothesis and building upon Frederick Barth's concept of "categorical attribution", this work aims to note what elements of this exogenous construction are possible of being identified in the works of the Roman Empire writers.

Keywords: Britons; Picts; Roman Empire; identity; categorical attribution; classical writers.

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Limites da conquista romana da ilha britânica (ano 47) e delimitação do território dos brigantes.....	17
MAPA 2 - Localização do território da Caledônia de acordo Tácito.....	19
MAPA 3 – Localização dos caledônios e maetae segundo Dião Cássio, e das Muralhas de Adriano e Antonino.....	24

SUMÁRIO

Introdução	08
Um povo à parte?.....	09
1. Tácito e a confederação da Caledônia	15
1.1 A obra.....	15
1.2 O contexto.....	16
1.3 Agrícola contra a confederação da Caledônia.....	18
1.4 A caracterização dos bretões do norte.....	20
2. Dião Cássio, caledônios e maeatae	22
2.1 Obra e contexto.....	22
2.2 Sétimo Severo contra os caledônios e os maeatae.....	23
2.3 A caracterização dos bretões do norte.....	25
3. Os panegíricos latinos e o aparecimento dos pictos	27
3.1 Obra e contexto.....	27
3.2 Constâncio Cloro e a recuperação da ilha britânica.....	28
4. A construção da identidade picta	30
4.1 Os pintados.....	31
4.2 Uma etnogênese de dentro para fora.....	33
4.3 A construção da identidade picta em autores do Império Romano.....	34
4.3.1 A identidade dos bretões do norte em Tácito.....	34
4.3.2 A identidade dos caledônios e maeatae em Dião Cássio.....	37
4.3.3 O primitivismo dos bretões do norte se perpetua na identidade dos <i>pictos</i>	38
Considerações finais	41
Referências	44

INTRODUÇÃO

Desde a década de 1980, as chamadas teorias pós-coloniais têm tentado resgatar a história de povos que haviam sido subjugados por outros, mostrando que não houve uma simples aculturação como postulavam as teorias tradicionais, pois a gama de respostas ao contato colonial foi vasta e complexa. No âmbito da história do Império Romano e das províncias a ele incorporadas, a teoria da romanização, há muito vigente¹, acabou por construir e consolidar a ideia de que os povos conquistados passavam por um processo de aculturação, incorporando a cultura do dominador, ao passo que perdiam totalmente a sua própria. Isso implicou na elaboração de modelos dicotômicos entre as culturas, onde houve uma supervalorização da cultura “civilizada” e, portanto, “superior” do conquistador *versus* a desvalorização da cultura “bárbara primitiva” onde, além de mecanismos de imposição, os próprios subjugados viam vantagem e superioridade no *status* da cultura romana e no seu progresso².

A revisão dessas matrizes historiográficas acabou gerando um crescente interesse na história desses povos conquistados, entre eles, e de especial interesse no presente trabalho, os bretões da Grã-Bretanha (interesse que não se restringe a ilha em questão ou ao continente europeu, tendo mesmo despertado a atenção de alguns estudiosos de História Antiga no Brasil³). Porém, se para os bretões da província criou-se a ideia de que a cultura romana “sufocou” a nativa, aos povos que ficaram para além do *limes* do Império atribuiu-se um processo de certa maneira inverso, mas que faz parte do mesmo fenômeno. Para os bretões do norte, que jamais foram conquistados por mais do que curtos períodos de tempos, cunhou-se uma aura de romance, pois ali estavam

¹ Sobre sua criação e desenvolvimento ver: MENDES, Norma Musco. Romanização: A historicidade de um conceito. In: CAMPOS, A. P. et al. (Org.). *Os Impérios e suas matrizes políticas e culturais*. Vitória: Flor & Cultura, 2008. p. 38-39.

² HINGLEY, Richard. *O imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha*. São Paulo: Annablume, 2010. p. 33-35.

³ Forte exemplo disso é a publicação, em 2010, do livro acima citado *O Imperialismo Romano: Novas perspectivas a partir da Bretanha* do professor do Departamento de Arqueologia da Universidade de Durham, Richard Hingley. A publicação do livro, juntamente com o curso proferido pelo autor, é resultado de uma extensão universitária organizada pela UNICAMP. Há, além disso, o Simpósio Nacional e Internacional sobre celtas e germanos que em seu último encontro na UFF (outubro de 2012) trouxe professores de renome internacional no assunto, como Wolfgang Meid da Universidade de Innsbruck, Áustria e Erzsébet Jerem da Academia Húngara de Ciências, entre outros, além do crescente número de pesquisadores nacionais sobre o tema. O mesmo grupo responsável pela realização do simpósio organiza ainda a revista *Brathair*, exclusiva para temas ligados ao mundo céltico e germânico (disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair>. Acesso em: 30 de outubro de 2012).

“*The Last of the Free*”⁴ que lutaram em defesa de suas tradições contra o inimigo opressor.

UM POVO À PARTE?

Os romanos herdaram dos povos da Grécia clássica a ideia de barbárie⁵, da qual se utilizaram amplamente para justificar sua dominação política, territorial e militar sobre os povos assim rotulados⁶. Eram considerados bárbaros os povos assentados do outro lado dos limites do Império, já que estes não haviam sido instruídos nos usos e costumes da civilização mediterrânea⁷. O norte da Grã-Bretanha era habitado por diversos povos no momento da chegada romana à ilha. Estes estão na origem de um reino pluriétnico formado por volta do século VI, o reino dos pictos, cuja história é envolta por mistérios e fantasia. Seis pontos-chave que atuaram na evolução e sustentação desse “enigma” dos pictos são apresentados por Sally M. Foster em seu livro *Picts, Gaels and Scots*⁸, obra introdutória ao assunto. Entre os seis pontos elencados estão: os enigmáticos símbolos pictos gravados em pedras e joias, cujo significado permanece um mistério; a língua dos pictos que desapareceu e deixou apenas escassos vestígios em nomes de lugares; o barbarismo acentuado a eles atribuído; a sucessão matrilinear que os distingue de todos os outros reinos medievais

⁴ [*Os últimos homens livres*] – título de um documentário e do capítulo de um livro do arqueólogo escocês Neil Oliver. Documentário: A HISTORY of Scotland – The Last of the Free. Directed and produced by: Sarah Barclay, et. al. London: BBC Worldwide Ltd, 2010, DVD, colour. Livro: OLIVER, Neil. *History of Scotland*. London: Orion Publishing Group Ltd, 2011. Essa frase é atribuída pelo historiador romano Tácito a fala de um líder da confederação dos habitantes da Caledônia, proferida durante um discurso de incitação a guerra antes do enfrentamento com os romanos.

⁵ A origem do termo *bárbaro*, de acordo com Tzvetan Todorov, vem da Grécia Antiga e "era utilizado em oposição a outro vocábulo e, conjuntamente, eles permitiam dividir a população mundial em duas partes iguais: os gregos – portanto, ‘nós’ – e os *bárbaros*, ou seja, ‘ou outros’, os estrangeiros. Para reconhecer a filiação ao primeiro ou ao segundo grupo, fazia-se referência ao domínio da língua grega: os bárbaros eram, então, aqueles que não a compreendiam, nem a falavam ou que a falavam incorretamente". Ainda segundo o autor, acabou por atribuir-se um segundo sentido e um juízo de valor à este par de vocábulos antitéticos: a oposição bárbaros/gregos foi duplicada na oposição selvagens/civilizados. Cf: TODOROV, Tzvetan. *O medo dos bárbaros*. Para além do choque das civilizações. Petrópolis, Editora Vozes: 2010. p. 24-25.

⁶ HINGLEY, Richard. *op. cit.* p. 70. Não somente o rótulo, mas também os textos que relatavam costumes desses povos e o enfrentamentos destes com os romanos eram um dos, entre tantos outros, instrumentos políticos empenhados em pintar sob uma luz mais favorável o poderio de Roma e as relação deste com os demais povos. Cf: WELLS, Peter S. "Los pueblos situados fuera de las fronteras del imperio". In: BISPHAM, Edward (Ed.). *Europa Romana*. Oxford: Oxford University, 2009. p.337.

⁷ WELLS, Peter S. "Los pueblos situados fuera de las fronteras del imperio". In: BISPHAM, Edward (Ed.). *op. cit.* p. 334.

⁸ FOSTER, Sally M. *Picts, Gaels and Scots*; Early Historic Scotland. Londres: B. T. Batsford Ltd, 2006.

européus (mas cujas evidências são fracas); a falta de fontes documentais próprias e a lenda de que eles teriam desaparecido, um povo perdido, já que a partir da fundação de *Alba* (termo gaélico para Escócia) os pictos não são mais mencionados nas fontes documentais e sua gente, língua e costumes parecem ter desaparecido⁹. Destes seis pontos nos interessam especialmente dois: a visão de que esses povos possuíam um barbarismo extremado e a falta de fontes documentais próprias. Tudo que sabemos via fonte escrita, vem de historiadores e outros escritores romanos e gregos e, em período posterior, de monges provenientes de outros territórios – o que tem uma clara relação com esse caráter selvagem que lhes é atribuído, pois os conhecemos apenas através da visão "do outro".

Essas duas imagens estereotipadas (a de extremismo bárbaro, por um lado, e a de nobres selvagens que jamais foram subjugados, por outro) encontram eco ainda nos dias de hoje. Quanto à primeira, aparece pela primeira vez em documentos de historiadores e poetas do Império Romano, passando pelo período medieval, onde ganha força e se perpetua até os dias atuais. Historiadores como Tácito, Dião Cássio e Herodiano e poetas como Cláudio Claudiano falam de seu comportamento primitivo perante a batalha, reagindo a discursos com gritos e choros desesperados, da inadequação de suas armas, do costume de lutarem nus, da falta de estabilidade e, acima de tudo, do fato de pintarem e/ou tatuarem seus corpos¹⁰. Algumas dessas características, especialmente a inadequação das armas e a falta de estabilidade são encontradas nas descrições de diversos povos chamados de celtas que habitavam o continente europeu. Isso pode se dever ao fato de que, de acordo com Peter Wells, alguns acadêmicos defendem que aos olhos dos romanos existia um arquétipo bárbaro e que todos os indivíduos e grupos a quem os romanos catalogavam como bárbaros, se enquadravam nesse arquétipo. Neste sentido, os bárbaros eram uma construção da mentalidade romana e a esses bárbaros se atribuíam as características opostas às qualidades sobre as quais as aspirações romanas se centravam¹¹.

⁹ Cf: FOSTER, Sally M. *op. cit.* p. 17-18.

¹⁰ TÁCITO. *Life of Cnaeus Julius Agricola*; DIÃO CÁSSIO. *Roman History*, LXXVII; HERODIANO. *History of the Roman Empire since the Death of Marcus Aurelius*, III.14; CLÁUDIO CLAUDIANO. *The Gothic War*, XXVI.

¹¹ WELLS, Peter S. "Los pueblos situados fuera de las fronteras del imperio". In: BISPAM, Edward (Ed.). *op. cit.* p. 335.

No período medieval os pictos aparecem nos escritos de alguns monges, dentre os quais São Gildas em sua obra *A destruição britânica e sua conquista* onde fala dos pictos e dos escotos¹² como:

vermes que no calor do meio-dia vêm de seus buracos, rapidamente desembarcaram novamente de suas canoas que os carregaram através do vale Cichican. Eles diferiam uns dos outros pelas maneiras, mas eram inspirados pela mesma avidez de sangue e desejavam mais esconder suas faces vis em densos cabelos que cobrir com uma roupa decente as partes do corpo que requerem ser cobertas.¹³

Quanto aos dias atuais, só para citar dois exemplos, vemos os pictos em algumas das histórias em quadrinhos de *Conan, o bárbaro*, onde são retratados como um povo extremamente primitivo que habita terras fedorentas e pratica magia negra; se Conan já é bárbaro, o que seriam os pictos? Somente a primeira frase da revista nº 23, *Conan na Terra dos Pictos*, dá uma ideia dessa imagem: “Dizem as lendas que mesmo os demônios temem trilhar as regiões pictas após o pôr-do-sol.”¹⁴ Um exemplo mais recente, o filme *Centurião*¹⁵ cujo enredo seria uma pretensa ficção histórica sobre o desaparecimento da Legio IX Hispania no século III, onde o seguinte é dito de uma guerreira picta: “A alma dela é uma vasilha vazia. Só o sangue romano pode enchê-la”.

Com relação à imagem romanceada de um povo livre, James E. Fraser, um grande nome da atualidade sobre o assunto acredita que a cultura popular, amplamente difundida na internet, abraçou a ideia de um povo livre, na qual os nativos preservaram intocadas sua independência e suas adoradas práticas ancestrais das “garras da águia romana”.¹⁶ Porém, isso não passaria de uma pseudo-história que revela muito mais sobre nós mesmos (especialmente nossas ansiedades a respeito do imperialismo e da globalização) do que sobre o passado propriamente dito¹⁷. Uma inegável contribuição

¹² Escoto era o nome genérico dado pelos romanos aos gaélicos da Irlanda. Alguns deles, do nascente Reino de Dál Riata, onde hoje é o Ulster (norte da Irlanda), estabeleceram-se em Argyll (oeste escocês) por volta do início do século VI, onde criaram um reino em resposta às pressões de uma dinastia rival na Irlanda. Os escotos (ou Dál Riata) juntamente com os pictos são responsáveis pela criação do reino da Escócia. Cf: FOSTER, Sally M. *op. cit.* p. 13 e 112.

¹³ São Gildas. *A Destruição Britânica e sua Conquista* (c. 540-546), II.19. Tradução de Bruno Oliveira sob coordenação de Ricardo da Costa. Disponível on-line em: <http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/destruicaoobritanica.pdf>. Acesso em: 26 de junho de 2012.

¹⁴ CONAN, O Bárbaro. *Na Terra dos Pictos*. São Paulo: Editora Abril Jovem, 1994, n 23.

¹⁵ CENTURIÃO. Direção: Neil Marshall. Distribuidora: PlayArte Filmes, 2010. 1 DVD (97 min), color, Dolby Digital. Título Original: Centurion.

¹⁶ Visão que pode ter sido influenciada pelos próprios autores romanos e seu criticismo ao poder imperial.

¹⁷ FRASER, James E. *From Caledonia to Pictland. Scotland to 795*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009. p. 30. Nesse mesmo sentido, John Haywood fala sobre como usamos o passado, mesmo que

para esse processo foi dada por algumas das primeiras teorias pós-coloniais que eram “nativistas”, teorias estas que produziram narrativas que perpetuavam as distinções simples entre os romanos e nativos, mas que davam prioridades aos últimos¹⁸.

Assim, a imagem negativa dos bárbaros legada pelos romanos e perpetuada pelo menos até o século XVII e/ou XIX começa a passar por um processo de transformação: seu caráter diferenciado e selvagem é agora um antídoto para a modernidade e seus problemas. É em meio a esta atmosfera que tem se encarado o processo de construção identitária dos pictos: os diversos grupos de bretões do norte teriam se amalgamado quando começaram a entrar em confronto com os romanos, pois, embora essas sociedades fossem dispersas e muitas vezes inimigas tradicionais, elas teriam visto nos romanos uma ameaça maior, um inimigo em comum, o que as levou a enxergar suas semelhanças, formando uma consciência “nós x eles”.

Essa ideia aparece inclusive em livros de grande circulação de acadêmicos respeitados: duas publicações de John Haywood, *The Historical Atlas of the Celtic World*¹⁹ e *Os Celtas: da Idade do Bronze aos nossos dias*²⁰ que apresentam um panorama geral da história dos povos célticos, mostram a origem dos pictos, bastante resumida, como uma rápida tomada de consciência de uma identidade comum em contraposição aos romanos. Além da obra de Haywood, também Tim Clarkson em seu livro *The Picts: A History*²¹ apresenta a ideia de que algumas tribos acabaram por ser absorvidas por outras, ressaltando o papel da invasão romana como um argumento persuasivo para essa simbiose. O autor adverte, porém, que este não deve ter sido um processo voluntário e pacífico.

No entanto, de acordo com alguns especialistas, a guerra era só um momento, que embora muito importante para a estruturação do estilo de vida daquelas sociedades, ainda assim, envolvia só uma pequena parcela da população. Ou seja, a guerra sozinha dificilmente seria tão decisiva para o desenvolvimento dessa noção “nós x eles” e não se sabe se aqueles povos tinham efetivamente alguma noção de pertença comum – as evidências arqueológicas e linguísticas apontam para uma resposta negativa. James E. Fraser defende que esta identidade foi construída de maneira exógena, pois os romanos

estereotipado, para preencher lacunas de virtudes que sentimos falta nos dias de hoje. Cf.: HAYWOOD, John. *The Historical Atlas of the Celtic World*. London: Thames & Hudson, 2009. p. 18.

¹⁸ HINGLEY, Richard. *op. cit.* p. 74

¹⁹ HAYWOOD, John. *op. cit.*

²⁰ HAYWOOD, John. *Os Celtas: da idade do bronze aos nossos dias*. Lisboa: Edições 70, 2004.

²¹ CLARKSON, Tim. *The Picts. A History*. Edinburgh: Tempus Publishing, 2010.

teriam visto desde muito cedo a diferença entre os habitantes do sul da Grã-Bretanha e os *barbaricum* do norte. Além disso, os habitantes do sul, querendo se distinguir dos do norte, contribuíram na construção dessa identidade.²²

Seguindo essa hipótese defendida por Fraser, de que o “ser picto” foi pensado primeiramente pelos romanos, a presente monografia tem por objetivo identificar possíveis traços dessa construção exógena nos escritos de autores do Império Romano. Apesar de existirem outros autores que mencionam os pictos e seus antepassados²³ (sempre de maneira breve, vale ressaltar), considero que os trabalhos fundamentais para o estudo pretendido sejam as obras *Vida de Julio Agrícola* e *História Romana*, dos historiadores Tácito e Dião Cássio, respectivamente, e os panegíricos dedicados ao imperador Constâncio Cloro e a seu filho, Constantino, ambos de autoria anônima.

Visto que habitavam a mesma ilha e eram designados inicialmente da mesma maneira que os habitantes do sul – bretões – parece-me interessante compreender como e porque a partir de um determinado momento os pictos passaram a não ser mais considerados bretões e como se formou essa visão que de que eles eram mais bárbaros que seus vizinhos do sul.

O conceito de identidade é apresentado de duas formas: 1) a visão que, seguindo a teoria de Fraser, busco combater - a identidade picta (no período romano) como solidariedade étnica, um senso de comum pertencimento; 2) como uma *atribuição categorial*, que na teoria de Barth integra o conceito de etnicidade. O conceito de etnicidade de Barth é trabalhado por Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart em seu livro *Teorias de Etnicidade*²⁴ onde os autores aprofundam e revisam as teorias do antropólogo norueguês. Para este, a etnicidade é uma forma de organização social, "baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores"²⁵. A atribuição categorial foi uma das mais importantes descobertas das teorias da etnicidade, já que a identidade étnica nunca se define de

²² FRASER, James E. *op. cit.* p. 43-49.

²³ Herodiano em sua já citada obra, *History of the Roman Empire since the Death of Marcus Aurelius* (meados do século III); Amiano Marcelino, *Res Gestae* (fim do século IV) e Cláudio Claudiano em vários poemas (início do século V), estão entre os mais conhecidos.

²⁴ POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. *Teorias de Etnicidade*. Seguindo de “Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth”. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

²⁵ POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. *op. cit.* p. 142.

maneira puramente endógena pela transmissão da essência e das qualidade étnicas por meio do pertencimento comum, mas que é sempre e inevitavelmente um produto de atos significativos de outros grupos. Ela se constrói na relação entre a categorização pelos não-membros e a identificação com um grupo étnico particular. "A definição exógena recobre todos os processos de etiquetagem e de rotulação pelos quais um grupo se vê atribuir, do exterior, uma identidade étnica"²⁶.

O trabalho organiza-se da seguinte forma: os três primeiros capítulos fazem uma breve contextualização sobre os períodos históricos, as fontes, os autores e os atores em questão. O primeiro capítulo, discorre sobre Tácito e sua obra, *Vida de Júlio Agrícola*, um elogio fúnebre tardio à seu sogro, Cneu Júlio Agrícola, no qual seu governo na *Britannia* é relatado, pois foi durante esse período que o governador obteve os maiores êxitos de sua carreira. Nesta obra, Tácito nos apresenta os grandes inimigos que Agrícola enfrentou na província: a confederação da Caledônia. No segundo capítulo, Dião Cássio no livro LXXVI de sua *História Romana* relata as campanhas de Sétimo Severo na ilha britânica, dessa vez, porém, já não é uma confederação que os romanos enfrentarão, mas sim duas aglomerações estáveis que haviam se formado da junção dos diversos bretões habitantes do norte: os maeatae e os caledônios. O capítulo 3 trata de dois panegíricos, um dedicado ao imperador Constâncio Cloro e o outro a seu filho, Constantino, onde aparece pela primeira vez (até onde se tem conhecimento) o termo *picto* - um termo apenas para designar todos os habitantes da parte setentrional da ínsula. O último capítulo, por fim, analisa as informações encontradas nas fontes à luz das teorias de James E. Faser e do conceito de atribuição categorial de Barth, trabalhado por Poutignat e Streiff-Fenart.

As fontes consultadas são traduções do latim e do grego para o inglês, sendo os textos no idioma original utilizados como apoio para melhor compreensão. Todas as passagens das fontes citadas no trabalho foram traduzidas para o português por mim. As datas citadas são todas da era comum (ou d.C.).

²⁶ *Id. Ibid.*

1.TÁCITO E A CONFEDERAÇÃO DA CALEDÔNIA

1.1 A OBRA

A *Vida de Júlio Agrícola* (cerca de 98) do historiador Públio (Caio) Cornélio Tácito relata a vida de seu sogro, Cneu Júlio Agrícola, que foi governador da província da *Britannia* entre os anos 77 e 84²⁷. O objetivo da obra, expressa pelo próprio autor, é honrar Agrícola²⁸, porém, mais do que um elogio fúnebre tardio (escrito cinco anos após sua morte), a obra é documento da literatura política romana, um manifesto para o novo imperador Trajano e para a nova aristocracia imperial que, de acordo com Tácito, inaugurava uma nova era de felicidade que se contrapunha vivamente com a anterior, de "maus" imperadores como Nero e o próprio Domiciano²⁹. As condecorações recebidas por Agrícola devido às suas bem sucedidas campanhas na ilha britânica teriam causado a inveja de Domiciano, levando o "tirano" a não prolongar seu governo na província e tendo sido acusado até mesmo de envenená-lo³⁰. Sendo o objetivo da composição um tributo aos méritos e excelências do general, boa parte é dedicada ao seu governo na *Britannia*, pois é principalmente durante esse período que Agrícola teria mostrado suas virtudes. Considerando-se ainda as passagens que relatam seu serviço como tributo militar e como legado legionário na província, os excursos geográficos e etnográficos, além da seção sobre os dez predecessores de Agrícola, dois terços da obra são sobre a Grã-Bretanha e seus habitantes³¹. A principal fonte de Tácito para estas informações

²⁷ Existe certa discordância e dúvida quanto às datas corretas para início e fim de seu governo: 77 ou 78 e 84 ou 85, respectivamente.

²⁸ TÁCITO, *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 3.

²⁹ BIRLEY, A. R. The Agricola. In: WOODMAN, A. J. *Cambridge Companion to Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 47-49. Uma obra onde herói (Agrícola) e tirano (Domiciano) eram contrastados. O que está em perfeito acordo com a concepção de história como meio didático utilizada pelo autor, nas palavras de Fornara, "(...) the conviction that history was the proper place for eternal praise and retributive justice, and that the task of the historian was to be judge and jury". FORNARA, Charles William. *The nature of history in ancient Greece and Rome*. London: University of California Press, 1983. p. 118-119. Porém, é interessante notar ainda que por mais que Tácito declarasse o quanto o período de Trajano era propício para escrever sobre os acontecimentos contemporâneos, ao contrários dos tempos anteriores, o autor tomou a precaução de concluir sua narração nas *Histórias* antes do acesso de Trajano ao trono. SALWAY, Benet. "El Imperio Romano desde Augusto hasta Diocleciano". In: BISPHAM, Edward (Ed.). *op. cit.* p. 101.

³⁰ TÁCITO. *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 43; DIÃO CÁSSIO. *Roman History*, LXVI.20.

³¹ BIRLEY, A. R. The Agricola. In: WOODMAN, A. J. *op.cit.* p. 50.

certamente deriva das campanhas e viagens de seu sogro, já que o historiador nunca teria visitado a ilha³².

1.2 O CONTEXTO

A Grã-Bretanha era habitada por diversos povos, chamados igualmente de bretões pelos romanos, no momento de sua conquista pelo então imperador Cláudio em 43. Pelo ano 47, os romanos já haviam conquistado a maior parte do sul da Grã-Bretanha do Canal de Bristol ao estuário de Humber, ao norte encontravam-se o reino dos brigantes, aliados romanos, e ao norte destes, povos não conquistados (ver Mapa 1). Em 68, a morte de Nero provocou uma guerra civil devido à ausência de um sucessor óbvio. Três imperadores sucederam-se rapidamente até que Vespasiano, veterano da invasão de Cláudio à ilha, estabeleceu uma nova dinastia. Encorajado pelo caos político no Império, Venutius, ex-marido da rainha dos brigantes e há muito aliada romana, conseguiu derrotar sua ex-mulher, o que representou um sério golpe para os romanos. O reino dos brigantes cobria toda a Grã-Bretanha desde o rio Mersey e o estuário de Humber até o istmo Tyne-Solway (Mapa 1) e se constituía em um Estado-tampão, pois garantia aos romanos a ausência de fronteiras hostis (com os bretões não conquistados no norte). A rebelião de Venutius alterou a situação e forçou os romanos a contemplarem a hipótese de conquistar toda a ilha. Estabilizada a situação da guerra civil em Roma, o poder dos brigantes foi quebrado e os romanos passaram a controlar também seu território. A vitória sobre o líder brigante permitiu voltar à tarefa de pacificação dos pontos da ilha onde esta ainda não havia sido completada. A incumbência foi concluída por Agrícola que havia sido nomeado governador da província naquele mesmo ano. Agrícola empreendeu campanhas para subjugar e pacificar os bretões mais ao norte do território dos brigantes, pois isto protegeria não somente as comunicações dos romanos ao norte, mas também eliminaria potenciais aliados dos brigantes em uma futura rebelião - era ainda percurso essencial para a invasão da

³² MANN, John C. & BREEZE, David J. Ptolemy, Tacitus and the tribes of north Britain. *Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland*, 117, 1987. p. 85. O que está de perfeito acordo com a natureza do “fazer história” em Roma, onde os historiadores eram eles próprios a fonte informada, quase sempre componentes da ordem senatorial, cuja reivindicação para escrever história era baseada no prestígio e sabedoria ganhos através da participação na vida política da comunidade. Os romanos escreviam a história da sua cidade e só tratavam de outras cidades e Estados quando estes entravam em contato com Roma – questões estrangeiras poderiam ser tratadas sem sair de “casa”. FORNARA, Charles William. *op. cit.* p. 53 a 57.

Irlanda. O ataque dos bretões do norte a uma guarnição romana, fez com que a conclusão da conquista da ilha se torna-se uma tarefa mais urgente do que invadir a Irlanda³³.



Mapa 1: Dois pontos mais abaixo: canal de Bristol e estuário de Humber - delimitam a porção da ilha conquistada pelos romanos até o ano 47. Do rio Mersey ao estuário de Humber (no sul) ao istmo Tyne-Solway (no norte) – delimitação do território dos brigantes.

³³ HAYWOOD, John. *op. cit.* p. 89-98.

1.3 AGRÍCOLA CONTRA A CONFEDERAÇÃO DA CALEDÔNIA

As campanhas empreendidas por Agrícola contra os bretões do extremo norte são retratadas na obra de Tácito, sendo o enfrentamento mais importante a batalha de *Mons Graupius*³⁴. Esta batalha foi decisiva por ser o único confronto aberto entres os exércitos, os outros conflitos consistiram basicamente de ataques surpresas aos acampamentos romanos que avançavam sobre o território, com base em táticas de guerrilha. De acordo com o historiador, os habitantes da Caledônia reuniram uma força de cerca de 30 mil homens, dos quais um terço foi morto em batalha, o restante conseguiu escapar pela floresta³⁵. A Caledônia havia sido pela primeira vez conquistada, por isso, ao discorrer sobre a geografia da ilha, Tácito diz não ter muito a acrescentar já que muito foi escrito a respeito por autores como Tito Lívio e Fábio Rústico. Porém, ele diz que a ilha havia sempre sido descrita como tendo a forma de um "escudo retangular ou machado"³⁶, que seria a forma da ilha sem a Caledônia, seu extremo norte, parte praticamente desconhecida pelos romanos até então. A Caledônia se localizava segundo Tácito, para além dos estuário de Forth e Clyde (ver mapa 2).

A grande vantagem dos romanos sobre os nativos, ainda de acordo com o autor, era que estes não agiam em conjunto, raramente dois ou três Estados reuniam-se para combater um perigo comum. Sendo assim, enquanto lutavam sozinhos, todos eram conquistados³⁷. Essa afirmativa é de grande importância para a caracterização dos bretões da Caledônia que Agrícola enfrentará em *Mons Graupius*, pois estes formaram uma confederação (*conspirationem civitatum*) - através de embaixadores e tratados, convencidos de que um perigo comum deveria ser evitado pela união, somaram as forças de todos os seus Estados³⁸.

³⁴ A localização do campo da batalha permanece um mistério, embora algumas especulações sejam feitas. De acordo com James E. Fraser, nada exemplifica melhor a imprecisão dos detalhes dados por Tácito do que a grande variedade de sítios que foram identificados como sendo o local do conflito. A opinião que prevalece é que *Mons Graupius* se situa no interior das Grampians (uma das três principais cadeias de montanhas da Escócia, que ocupa uma parte considerável das Terras Altas no nordeste do país. Uma leitura errônea do nome atribuído ao lugar por Tácito como *Granpius* deu às montanhas seu nome). Porém, para Fraser nenhum sítio mostrou evidências melhores do que Dunning (mais ao sul), sendo ainda um candidato potencial *Logie Durno* (bem mais ao norte). Cf: FRASER, James E. *op. cit.* p. 21.

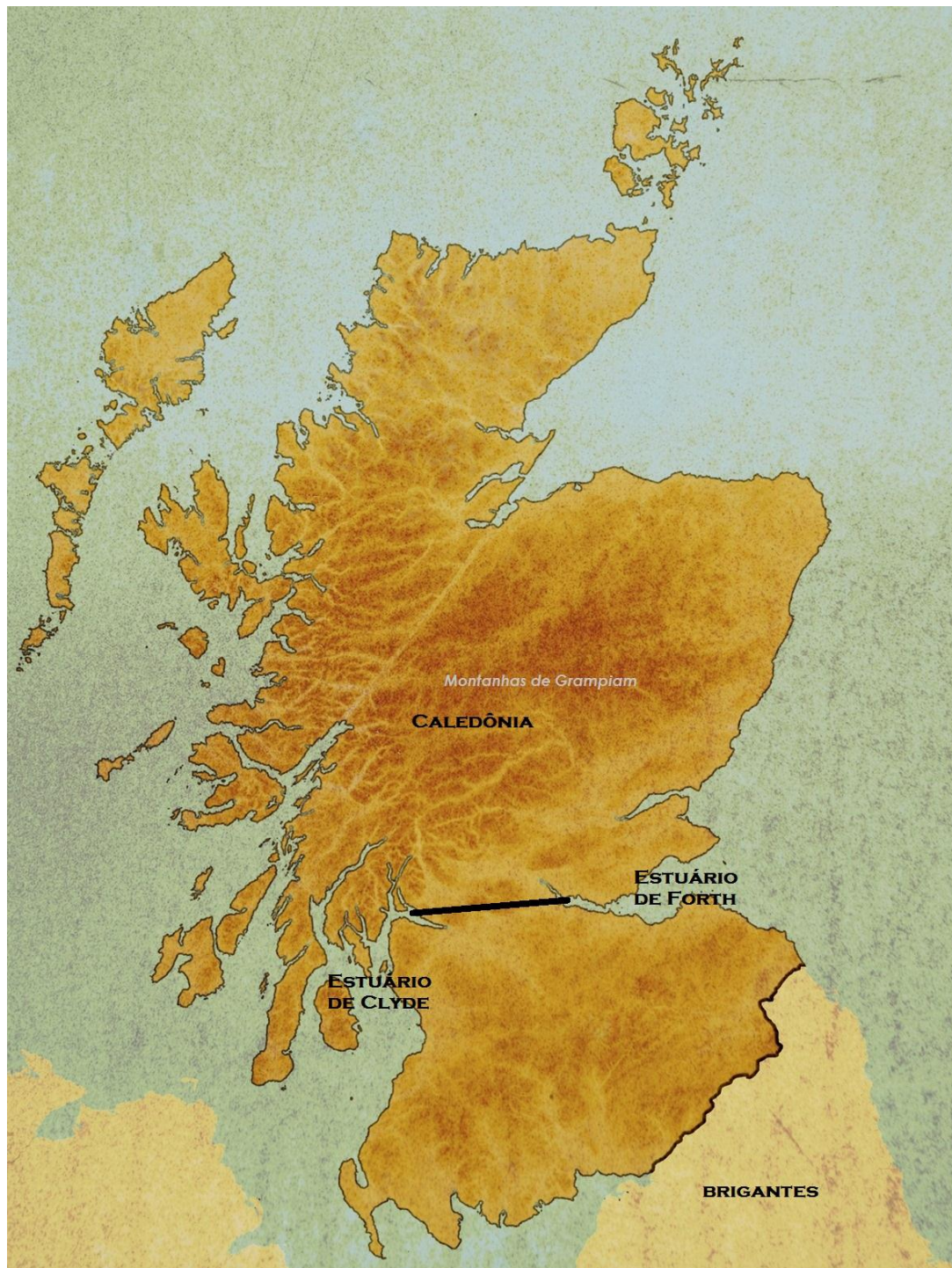
³⁵ TÁCITO, *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 37.

³⁶ [*oblongae scutulæ vel bipenni adsimulavere*]. TÁCITO. *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 10.

³⁷ TÁCITO, *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 12.

³⁸ TÁCITO, *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 29.

Importante notar que Tácito identifica uma região: a Caledônia e algumas décadas depois na *Geografia* de Cláudio Ptolomeu³⁹, um povo é designado com esse nome: os caledônios. Além dos caledônios, mais onze povos são nomeados pelo



Mapa 2: Território da Caledônia para além dos estuários de Clyde e Forth.

³⁹ PTOLEMY. *Geography*. III.2. Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Gazetteer/Periods/Roman/_Texts/Ptolemy/2/2*.html. Acesso em : 15 de novembro de 2012.

geógrafo - eram os caledônios a *gens* com maior proeminência no norte da ilha, dando seu nome ao território? A fonte utilizada por Ptolomeu foi o material colhido por Marino de Tiro, material este que deve ter provavelmente derivado das operações de Agrícola no norte da Grã-Bretanha⁴⁰.

1.4 A CARACTERIZAÇÃO DOS BRETÕES DO NORTE

A respeito da origem dos habitantes da ilha, Tácito diz que não se sabe se são indígenas ou estrangeiros, porém, algumas conclusões poderiam ser tiradas de suas características físicas: os habitantes da Caledônia teriam uma origem claramente germânica devido à seus cabelos vermelhos e longos membros, em contraste com a tez escura e cabelos encaracolados dos silures (habitantes da região que hoje corresponde ao sul do País de Gales) o que apontaria uma origem ibérica (*iberos*). Quanto aos bretões do sudeste, devido a sua proximidade com os gauleses, seriam semelhantes a estes, seja pela influência de descendência comum ou porque o clima produzira características físicas similares⁴¹. Há ainda outra comparação com os gauleses, no modo de fazer guerra, que diferenciaria os bretões do norte não conquistados dos habitantes da província:

Os bretões, contudo, exibem mais coragem, pois são povos aos quais um longo período de paz ainda não enfraqueceu. De fato, entendemos que até mesmo os gauleses foram uma vez renomados na guerra; mas, após algum tempo, a preguiça seguida da facilidade penetrou-os, e eles perderam sua coragem juntamente com a sua liberdade. Isto também aconteceu aos povos da Bretanha há muito conquistados; o resto permanece como os gauleses foram um dia.⁴²

Com as tropas de Agrícola rumo ao norte da ilha, os bretões daquelas regiões começaram a fazer uma série de ataques surpresa aos acampamentos romanos. Segundo Tácito, mesmo surpreendidos, os romanos sempre conseguiam contornar a situação graças à sabedoria de seu general. Não restando escolha, se não um enfrentamento em campo aberto, uma confederação de todos os seus Estados (*civitates*) foi formada em

⁴⁰ MANN, John C. & BREEZE, David. *op. cit.* p. 85.

⁴¹ TÁCITO, *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 11.

⁴² [plus tamen ferociae Britannii praeferunt, ut quos nondum longa pax emollierit. Nam Gallos quoque in bellis floruisse accepimus; mox segnitia cum otio intravit, amissa virtute pariter ac libertate. Quod Britannorum olim victis evenit: ceteri manent quales Galli fuerunt]. TÁCITO. *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 11.

uma assembléia sob sacrifícios (rituais sagrados)⁴³. Mais de 30 mil combatentes podiam ser vistos, e mesmo com toda a juventude da região, haviam aqueles que mesmo com a idade avançada, estavam ainda robustos e vigorosos, homens renomados na guerra e portando suas devidas decorações⁴⁴. O líder, Calgacus, superior em valor e nascimento, faz um discurso às tropas que é recebido, de acordo com Tácito: "com entusiasmo, e como é de costume entre os bárbaros, com cantos, ruídos e gritos discordantes"⁴⁵.

Agrícola também faz um discurso a suas tropas:

Estes são os homens que no ano passado na calada da noite atacaram uma legião que estava sozinha e foram batidos apenas com um grito: estes são os mais fugitivos dentre os povos da Bretanha, e por essa razão eles sobreviveram por tanto tempo. (...) os mais bravos entre os bretões há muito caíram; os restantes não passam de covardes sem espírito⁴⁶.

Agrícola continua, dizendo a suas tropas que esses covardes haviam enfim sido encontrados, não porque mantiveram-se firmes, mas porque foram ultrapassados.

A respeito das armas e do desempenho na batalha, Tácito fala que os bretões usavam grandes espadas que não tinham pontas finas e pequenos escudos, ambos dificultavam o sucesso na batalha corpo a corpo com o inimigo ou na luta em campo aberto. Além disso, os inimigos de Agrícola usavam carros de guerra e cavalaria (o primeiro a muito extinto do continente), e o autor ressalta o barulho causado por estes. Não só o barulho seria um elemento de desordem, mas o próprio terreno onde o conflito se desenrolava não tinha características propícias para o uso de tais aparatos. Os homens da cavalaria eram arrastados junto com seus cavalos em meio a confusão, e os carros, destituídos de guia e com seus cavalos aterrorizados, colidiam com as fileiras de soldados⁴⁷.

⁴³ [coetibus ac sacrificiis conspirationem civitatum sancirent]. TÁCITO. *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 27.

⁴⁴ [et adhuc adfluebat omnis iuventus et quibus cruda ac viridis senectus, clari bello et sua quisque decora gestans]. TÁCITO. *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 29.

⁴⁵ [alacres, ut barbaris moris, cantu fremituque et clamoribus dissonis]. TÁCITO. *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 33.

⁴⁶ [hi sunt, quos proximo anno anuam legionem furto noctis adgressos clamore debellastis; hi ceterorum Britannorum fugacissimi ideoque tam diu superstites. (...) sic acerrimi Britannorum iam pridem ceciderunt, reliquus est numerus ignavorum et metuentium]. TÁCITO. *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 34.

⁴⁷ TÁCITO. *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 36.

2. DIÃO CÁSSIO, CALEDÔNIOS E MAEATAE

2.1 OBRA E CONTEXTO

Sétimo Severo foi o terceiro imperador governante a pisar em solo britânico e ali morreu em meio a uma de suas guerras mais importantes empreendidas no norte da ínsula. Dião Cássio, hoje conhecido por sua *História Romana*⁴⁸, era senador e serviu no conselho imperial durante a guerra. Ele nos aponta como principais inimigos de Severo duas nações (*gene*) bárbaras: os caledônios e o maetae. Estes inimigos habitavam a região designada por Tácito como Caledônia.

Entre a menção dos bretões que formaram a confederação da Caledônia na obra de Tácito e as guerras empreendidas por Severo contra os caledônios e os maetae (em 209), relatadas por Dião Cássio, há uma grande lacuna literária. Sabe-se que muita coisa aconteceu nesse período. Após a vitória de Agrícola, uma série de fortes e torres de vigia haviam sido construídos sobre o território subjogado, porém, logo após essa ocupação os romanos começaram gradualmente a recuar. Uma das razões parece ter sido que a Grã-Bretanha era uma prioridade secundária - um legião inteira foi retirada para serviço no Danúbio. As forças restantes eram muito dispersas para manter o controle sobre a área que já havia sido ocupada e mais ainda para ser deixada sozinha na tarefa de finalizar a conquista⁴⁹. Em 119 o imperador Adriano, sucessor de Trajano, ordenou a construção da famosa muralha que atravessava transversalmente a ilha, indo de costa a costa (ver Mapa 3) para, de acordo com a *História Augusta* do imperador: "(...) separar os bárbaros dos romanos"⁵⁰. A muralha se encontra no limite norte do território brigante deixando as populações que vivem entre a Caledônia e os brigantes excluídas da porção romana da ilha, ficando portando, juntamente com a Caledônia, do lado dos *barbaricum*. Ainda de acordo com a biografia de Adriano, "os bretões eram incapazes de serem mantidos sob autoridade romana"⁵¹, ainda mais no norte da ilha. No ano 138, Adriano morreu e foi sucedido por Antonino Pio. Antonino era a segunda

⁴⁸ Escrita em grego entre os anos de 211 e 233, relata a história de Roma desde suas origens até sua própria época, culminando no ano 229, quando o autor era cônsul pela segunda vez no principado de Alexandre Severo. Alguns textos chegaram até nós somente em forma de resumos bizantinos, como é o caso dos textos utilizados no presente trabalho.

⁴⁹ MURRAY, Stephen J. At the Empire's edge. Artigo do website *From dot to Domesday*: http://www.dot-domesday.me.uk/h_wall.htm. Acesso em: 04 de agosto de 2012.

⁵⁰ AELIUS SPARTIANUS. *Historia Augusta*. Hadrian, 11.2.

⁵¹ AELIUS SPARTIANUS. *Historia Augusta*. Hadrian, 5.2.

opção de Adriano (a primeira opção, Lucius Aelius, morreu no mesmo ano) e deve ter sentido a necessidade de um sucesso militar imediato para impulsionar seu prestígio com o exército e assegurar sua posição. De qualquer modo, ele logo ordenou ao governador da *Britannia*, Quinto L. Urbicus, que abandonasse a fronteira estabelecida por Adriano e estabelecesse uma nova mais ao norte, deixando os bretões que habitavam o território que ficava entre a Caledônia e o reino brigante dentro dos limites imperiais. A nova muralha estendia-se na linha dos estuários de Forth e Clyde, que havia sido apontada por Tácito como o limite sul da Caledônia (Mapa 3). Em meados da década de 150 houve uma retirada gradual para a antiga muralha. O território ao norte dos brigantes teria se tornado menos desejável ou mais difícil de manter sob controle? O que se sabe é que após a vitória do então governador da província, Julius Vero, no território da Caledônia (atestada por uma moeda comemorativa) os habitantes da região haviam sido pacificados e permanecido sem causar maiores problemas no restante do século II. Uma das evidências são bens romanos encontrados no norte do território, levando-se em consideração de que o comércio com regiões para além do *limes* era proibido, esses materiais devem ter sido ganhos em grande parte em momentos de negociação, como subsídios, em troca de colaboração⁵².

2.2 SÉTIMO SEVERO CONTRA OS CALEDÔNIOS E OS MAEATAE

Mais algumas décadas e imperadores se sucederam até que o usurpador líbio, Sétimo Severo, assumisse o poder do Império. A convulsão que havia tomado conta da ilha devido a disputa pelo poder entre Severo e Clódio Albino, talvez tenha sido vista pelos maeatae como um momento propício para uma renegociação vantajosa dos subsídios pagos pelos romanos. Severo manda Lupus imediatamente para, de acordo com Dião Cássio, "comprar paz" dos maeatae "por uma grande soma"⁵³. Esse subsídio desarmou-os por mais de dez anos, até que em 209, talvez para uma campanha punitiva já premeditada, Severo desembarcou na ilha para marchar rumo ao norte. Em uma digressão etnográfica onde esses inimigos são caracterizados aparecem informações importantes sobre uma transformação na configuração e organização desses povos: "Existem duas nações principais de bretões, os caledônios e os maeatae, e os nomes das

⁵² FRASER, James E. *op. cit.* p. 22–25.

⁵³ DIÃO CÁSSIO. *Roman History*, LXXVI.8.

demais foram absorvidos por essas duas. Os maeatae vivem próximos à muralha que



Mapa 3: A localização dos caledônios e maeatae de acordo com Dião Cássio e as muralhas de Antonino (mais ou norte) e Adriano (ao sul).

corta a ilha ao meio, e os caledônios além deles”⁵⁴. Os *maeatae* não são mencionados em nenhum outro texto romano, mas felizmente o historiador aponta a sua localização – o muro transversal que corta a ilha em duas é provavelmente a Muralha de Antonino e podem ainda ser encontrados nomes de lugares que apontam sua localização e existência (Mapa 3). O mais importante, porém, é a afirmativa de que os bretões do norte teriam se galvanizado ao redor de duas identidades. Caso não seja mera invenção ou descuido, sugere que algo importante aconteceu com as identidades bárbaras na Caledônia entre o período flaviano e o de Severo. Fraser aponta que o território que Dião Cássio designa como pertencente aos *maeatae* foi destinado à outra *civitas* durante a ocupação de Agrícola: aos *dumnonii*. Sendo um território consideravelmente amplo, os *maeatae* pudessem talvez ter sido um dos povos pertencentes aos *dumnonii* e, no tempo de Severo, terem se tornado proeminentes e conquistado a região. O fato é que esse território foi crivado por instalações romanas durante a ocupação flaviana, o que pode refletir uma distinção étnica feita pelos romanos entre esta localidade e a de seus vizinhos ao norte, prefigurando a clivagem entre caledônios e *maeatae*. Contudo, é impossível saber se o controle romano sobre esse território fez com que esses povos se unissem mais aos seus vizinhos do norte (já que os caledônios se juntam aos *maeatae* em uma revolta devido à extrema crueldade com que Caracala estava punindo os últimos), ou fortalecessem uma distinção identitária entre eles⁵⁵.

2.3 A CARACTERIZAÇÃO DOS BRETÕES DO NORTE

Dião Cássio fornece em uma pequena digressão etnográfica uma série de características dessas duas *gene*:

ambas habitam montanhas selvagens e áridas e desoladas planícies pantanosas, não possuíam muralhas, cidades, nem campos cultivados, mas viviam apenas de seu rebanho, caça e certas frutas; [2] eles não tocam seu peixe, que é encontrado lá em imensa e exaustiva quantidade. Eles vivem em tendas, nus e descalços, possuem suas mulheres em comum e juntos criam toda a prole. Sua forma de governo é democrática na maior parte, e eles são muito dados à

⁵⁴ "δύο δὲ γένη τῶν Βρετανῶν μέγιστα εἰσι, Καληδόνιοι καὶ Μαιάται· καὶ ἐς αὐτὰ καὶ τὰ τῶν ἄλλων προσρήματα ὡς εἰπεῖν συγκεχώρηκεν. οἰκοῦσι δὲ οἱ μὲν Μαιάται πρὸς αὐτῷ τῷ διατειχίσματι ὃ τὴν νῆσον δίχῃ τέμνει, Καληδόνιοι δὲ μετ' ἐκείνουσ". DIÃO CÁSSIO. *Roman History*, LXXVII.12.

⁵⁵ Cf. : FRASER, James E. *op. cit.* p. 16

pilhagem; conseqüentemente, eles escolhem seus homens mais ousados como governantes.⁵⁶

A respeito das armas e comportamento em batalha o historiador prossegue:

Ele vão para a batalha em carros de guerra, e tem pequenos e velozes cavalos; também existem soldados de infantaria, muito rápidos na corrida e muito resistentes em manter suas posições. Como armas, eles possuem um escudo e uma lança curta, com uma maçã de cobre ligada à extremidade do eixo da lança, de modo que quando é agitada, pode chocar e aterrorizar o inimigo, e eles também têm punhais. [4] Eles podem suportar a fome e o frio e qualquer tipo de dificuldade; pois imergem nos pântanos e permanecem lá por muitos dias, ficando apenas com suas cabeças para fora da água, e nas florestas eles mantêm-se de cascas e raízes, e para todas as emergências eles preparam um certo tipo de alimento, comendo apenas uma pequena porção do tamanho de um feijão, o que os impede de sentir fome ou sede.⁵⁷

⁵⁶ [καὶ νέμονται ἑκάτεροι ὄρη ἄγρια καὶ ἄνδρα καὶ πεδία ἔρημα καὶ ἐλώδη, μήτε τείχη μήτε πόλεις μήτε γεωργίας ἔχοντες, ἀλλ' ἐκ τε νομῆς καὶ θήρας ἀκροδρῦων τέ τινων ζῶντες: [2] τῶν γὰρ ἰχθύων ἀπείρων καὶ ἀπλέτων ὄντων οὐ γεύονται. διαιτῶνται δὲ ἐν σκηναῖς γυμνοὶ καὶ ἀνυπόδητοι, ταῖς γυναιξὶν ἐπικοινωνοῦντες χρώμενοι καὶ τὰ γεννώμενα πάντα κοινῶς ἐκτρέφοντες. δημοκρατοῦνται τε ὡς πλήθει, καὶ ἠσθεύουσιν ἥδιστα. καὶ διὰ τοῦτο ἄρχοντας τοὺς θρασυτάτους]. DIÃO CÁSSIO. Roman History. LXXVII, 12.1-2.

⁵⁷ [αἰροῦνται. στρατεύονται δὲ ἐπὶ τε ἀρμάτων, ἵππους ἔχοντες μικροὺς καὶ ταχεῖς, καὶ πεζοί: καὶ εἰσι καὶ δραμεῖν ὀξύτατοι καὶ συστῆναι παγιώτατοι. τὰ δὲ ὄπλα αὐτῶν ἄσπις καὶ δόρυ βραχὺ, μῆλον χαλκοῦν ἐπ' ἄκρου τοῦ στύρακος ἔχον, ὥστε σειόμενον κτυπεῖν πρὸς κατάπληξιν τῶν ἐναντίων: εἰσι δ' αὐτοῖς καὶ [4] ἐγχειρίδια. δύνανται δὲ καὶ λιμὸν καὶ ψῦχος καὶ ταλαιπωρίαν πᾶσαν ὑπομένειν: ἔς τε γὰρ τὰ ἔλη καταδύομενοι καρτεροῦσιν ἐπὶ πολλὰς ἡμέρας, τήν κεφαλὴν μόνην ἔξω τοῦ ὕδατος ἔχοντες, καὶ ἐν ταῖς ὕλαις τῶν τε φλοιῶν καὶ ταῖς ῥίζαις διατρέφονται, καὶ πρὸς πάντα σκευάζουσι τι βρώμα, ἀφ' οὗ οὐκ ἐλάττωσιν ἐμφαγόντες οὔτε πεινῶσιν οὔτε διψῶσι]. DIÃO CÁSSIO, Roman History. LXXVII, 12.3-4.

3. OS PANEGÍRICOS LATINOS E O APARECIMENTO DOS PICTOS

3.1 OBRA E CONTEXTO

No período que abrange o século III e IV principalmente, a legitimidade do poder imperial romano se vê profundamente abalada. As bases que fundamentavam a dominação romana, como o ideal de cidadão a partir da *res publica*, converteram-se gradativamente em uma estrutura de poder que tinha o imperador como centro. Isso se deve em grande parte à influência das organizações monárquicas e helenísticas, cujas elites passavam a participar cada vez mais na política imperial. A participação dessa elite provincial se deve em grande medida à sua participação no exército romano o que contribuiu para uma época de crise onde uma série de usurpações fez com que fosse aclamado, em um curto espaço de tempo, um grande número de imperadores. Além dos problemas internos em Roma, as questões fronteiriças, com sucessivos ataques inimigos exigiam grande atenção por parte da administração imperial; por isso, a situação militar requeria constantemente a atenção pessoal por parte do imperador. Devido à lentidão das comunicações pelo vasto império e a centralização de todo o poder por um só indivíduo, os exércitos, quando consideravam as respostas do poder central ineficazes ou demoradas, acabavam por optar por um de seus generais aclamando-o imperador. Estas revoltas resultavam em distrações e custosos conflitos sociais que não faziam mais do que agravar os problemas financeiros e militares do governo⁵⁸.

Frente a esse cenário de instabilidade, nas palavras de Ana Paula Franchi, fez-se necessária uma “reestruturação teórica e ideológica acerca do poder e legitimidade do soberano” que:

passou a ser amplamente trabalhada em diversos setores, e em destaque, o campo da comunicação, essencialmente a produção literária oficial do Império, com caráter enfático em relação à propaganda de política imperial e à promoção dos fundamentos do *Dominato*. Um dos gêneros estilísticos que se sobressaiu e auxiliou na fundamentação deste período foram os textos discursivos com uma característica laudatória particular, conhecidos como panegíricos⁵⁹.

⁵⁸ SALWAY, Benet. El imperio romano desde Augusto hasta Diocleciano. In: BISPHAM, Edward (ed.). *op.cit.* p. 127.

⁵⁹ FRANCHI, Ana Paula. O discurso panegirístico e a legitimação do poder no século IV d.C. *Revista Vernáculo*, n. 19 e 20, 2007. p. 99-100.

Sendo o louvor uma das principais características dos discursos panegíricos, estes procuravam fundamentar a política imperial e transformaram-se em eficientes instrumentos propagandísticos. Isso acabou levando a um aumento no número de produções deste tipo em um curto período de tempo, pois estes discursos tornaram-se pré-requisitos obrigatórios após algum acontecimento digno de glória realizado pelo imperador. Exemplo dessa grande produção em um curto espaço de tempo é a existência de uma coletânea de discursos pronunciados entre 289 e 389 que tem seu conteúdo transitando desde homenagens a Diocleciano e Maximiano, chegando até os tempos de Teodósio⁶⁰. Dentro dessa coletânea encontram-se dois panegíricos que mencionam os habitantes da parte setentrional da Grã-Bretanha: o *Panegírico de Constâncio* (VIII) de 297 e o *Panegírico de Constantino* (VI) do ano 310⁶¹, ambos de autoria anônima.

Embora sua autoria seja anônima, é possível obter algumas informações sobre o autor desconhecido e a ocasião para a qual os discursos foram encomendados através do próprio texto. Quanto ao *Panegírico de Constâncio*, foi escrito a pedido da cidade de Autun (Gália) como homenagem a Constâncio Cloro, promovido a César em 293, pela sua recuperação da *Britannia*. A ocasião da entrega e declamação do discurso geralmente é tida como sendo o aniversário da ascensão de Constâncio no ano de 297, embora estas sejam suposições frágeis e é possível que o ano fosse 298⁶².

3.2 CONSTÂNCIO CLORO E A RECUPERAÇÃO DA *BRITANNIA*

Sendo o objetivo principal do discurso o valor de Constâncio e os milagres por ele produzidos, a recuperação da ilha britânica, tido como feito mais importante, ganha considerável espaço na obra. Para chegar aos feitos de Constâncio o autor realiza uma retrospectiva, descrevendo a terra e as suas relações com o poder romano desde as primeiras invasões de Júlio César. É nessa caracterização da província na época de Júlio César que se encontra a seguinte passagem: “(...) uma nação que era primitiva e

⁶⁰ FRANCHI, Ana Paula. *op. cit.* p. 101.

⁶¹ Não há certeza quanto as datas, havendo desacordo entre alguns estudiosos entre alguns poucos anos para mais ou para menos, porém, estas datas são as mais aceitas e são as utilizadas pelos autores que tomo como base (tanto Ana Paula Franchi quanto Nixon e Barbara S. Rodgers).

⁶² NIXON, C. E. V. & RODGERS, Barbara Saylor. *In Praise of Later Roman Emperors: The Panegyrici Latini*. Introduction, translation and historical commentary, with Latin text of R. A. B. Mynors. Oxford: University of California Press, 1994. p. 104-105.

acostumada a lutar até então seminua, como ainda fazem os pictos e os irlandeses”⁶³. Esta é a primeira menção que se conhece do termo *picto*. Poderia não parecer claro de quem se trata, não fosse outro panegírico, dedicado desta vez ao filho de Constâncio Cloro, Constantino, onde é mencionado: “as florestas e pântanos dos caledônios e outros pictos”.⁶⁴ Este discurso foi proferido em Trier por ocasião do aniversário da fundação da cidade, em data muito próxima ao aniversário da proclamação de Constantino pelas tropas de seu pai em York, em 25 de julho. O ano presumido é 310, porém há possibilidades de que seja de 307 a 311⁶⁵. Os habitantes da parte setentrional da Grã-Bretanha aparecem aqui devido ao fato do autor estar discorrendo sobre os feitos do pai de Constantino, a já mencionada recuperação da *Britannia*.

Os detalhes da guerra empreendida por Constâncio são obscuros. Sabe-se que era imperador das províncias ocidentais do Império, que havia sido dividido em 285 por Diocleciano. Desde 286 a província britânica e o noroeste da Gália haviam sido organizadas contra o “colégio imperial”, revolta liderada por um general que havia caído em desgraça, Marco Aurélio Caráusio. Para acabar com a rebelião, Constâncio é enviado em 305 para a ilha. A sua missão era, sem dúvida, muito parecida com a de Severo um século antes: certificar-se da fidelidade das inconstantes legiões britânicas e dos bárbaros do norte⁶⁶. A principal diferença para com os tempos de Severo talvez fosse que desde o ano 211 parece não ter havido mais dúvidas a respeito de onde a província romana acabava e onde a “barbárie” começava. Ao que tudo indica, a guerra empreendida por Severo e Caracala e a solução dada por eles ao problema fronteiriço resultou na priorização de uma resolução de longo prazo, o que fez com que a fronteira permanecesse razoavelmente segura e estável até pelo menos o final do século IV, com a Conspiração Bárbara⁶⁷.

⁶³ [Ad hoc natio etiam tunc rudis et solis Pictis modo et Hibernis adsueta hostibus adhuc seminudis]. Anonymous. *Panegyric of Constantius* (VIII), 11.4.

⁶⁴ [calidonum aliorumque pictorum siluas et paludes]. Anonymous. *Panegyric of Constantine* (VI), 7.2.

⁶⁵ NIXON, C. E. V. & RODGERS, Barbara Saylor. *op. cit.* p. 212.

⁶⁶ FRASER, James E. *op. cit.* p. 54-55.

⁶⁷ FRASER, James E. *op. cit.* p. 29. Segundo Amiano Marcelino, a Conspiração Bárbara foi um ataque à *Britannia* no ano de 367 do qual participaram os pictos, os escotos, os attacotti, os francos e os saxões. AMIANO MARCELINO. *Res Gestae*. XXVII, 8.5.

4. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PICTA

Em Tácito, encontramos a Caledônia, uma região habitada por *britannii*; pouco mais de um século depois, Dião Cássio fala sobre a fusão dos bretões do norte em duas *gene*: caledônios e maetae - mas que são, ainda assim, *britannii*. Dessa vez, pouco menos de um século se passa e temos uma nova referência aos habitantes da parte setentrional da Grã-Bretanha, agora, porém, encontramos-os referidos como *pictos*. De Tácito a Dião Cássio, os povos do norte da ilha eram chamados coletivamente de bretões, porém, no final do século III e início do IV, após a primeira menção do termo *picto*, os *britannii* deram lugar a este novo rótulo étnico. Na obra do historiador Amiano Marcelino, que advogou para si a missão de continuar a obra de Tácito (cobrindo o período da ascensão de Nerva, em 96, até a morte de Valente, em 378), os *pictos* são mencionados algumas vezes. Em seu livro número XXVI, os *pictos* aparecem em uma breve mas reveladora passagem: "(...) os *pictos*, os saxões, os escotos e os *attacotti* estavam assediando os bretões com constantes desastres"⁶⁸. Em fins do século IV, os habitantes do norte não só não eram mais chamados de *britannii* como eram opostos a eles, estavam os assediando: ao que parece, ser bretão agora se restringia ao sul.

O surgimento desse novo rótulo étnico e apenas um para todo o norte da ilha passa a ideia de que alguma coisa aconteceu às identidades desses povos. A hipótese amplamente divulgada é de que ao longo do processo de enfrentamentos com os romanos, esses povos dispersos teriam se unido e tomado consciência de suas similaridades frente à um inimigo maior em comum. Uma confederação instável reunida apenas em momentos de batalha e que, de acordo com o próprio Tácito, dissipou-se rapidamente frente a derrota⁶⁹, após um século da ocupação flaviana amalgama-se em torno de duas *gene* estáveis, os caledônios e os maetae. O enfrentamento destes com Severo torna-se decisivo na estabilização da fronteira setentrional e provoca uma nova transformação nessas identidades: pouco menos de um século depois, caledônios e outros (provavelmente maetae inclusos) são um só: são *pictos*. E são somente os *pictos* que continuarão a ser mencionados Antiguidade Tardia e Idade Média adentro. Porém, de acordo com James E. Fraser, o contato com os romanos certamente provocou alterações no modo de vida dos bretões do norte, no

⁶⁸ [*picti, saxonesque et scotti et attacotti britannos aerumnis vexavere continuis*]. AMIANO MARCELINO. *Res Gestae*. XXVI, 4.5.

⁶⁹ TÁCITO, *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 35.

entanto, os enfrentamentos com as forças romanas contam apenas uma pequena parte da história da relação entre nativos e *outsiders*. Mais significativo para compreender o impacto romano naquelas populações seria uma análise a respeito dos subsídios que os bárbaros continuaram a receber de Roma, as obrigações que o recebimento deste material implicava e o modo pelo qual as atitudes dos nativos para com essa relação ajudou a modelar a sua própria identidade étnica⁷⁰. Para o autor, a etnogênese *picta* é uma criação dos *outsiders*, e uma das principais evidências para chegar a essa compreensão passa pelo próprio rótulo étnico.

4.1 OS PINTADOS

O desacordo persiste entre os estudiosos quanto à origem do termo *picto*, se seria a latinização de um termo nativo ou inteiramente romano, porém esta última noção sempre teve mais aceitação. A explicação mais comum é a de que o termo originou-se do latim *picti*, que significa "os pintados", um apelido romano resultado da tendência entre os povos do norte de aplicarem pigmentos às suas peles⁷¹, seja por meio de pinturas corporais ou tatuagens. Também há desacordo a respeito do fato de que eles efetivamente tatuavam seus corpos, embora a maioria dos acadêmicos aceite essa ideia, temos de levar em consideração que aos olhos dos romanos a tatuagem corporal deveria parecer um hábito primitivo e esse rótulo pode ter sido usado simplesmente para reforçar seu caráter bárbaro, já que até mesmo seus vizinhos há muito haviam negligenciado esta prática⁷².

Contudo, além do rótulo "picto", temos alguns testemunhos de escritores do Império Romano para corroborar a noção de que estes povos efetivamente se tatuavam: em Herodiano, historiador grego que viveu entre fins do século II e meados do III, encontramos a seguinte referência aos habitantes do norte da Grã-Bretanha, a quem ele chama simplesmente de bretões: "Eles tatuam seus corpos com desenhos coloridos e figuras de todos os tipos de animais; por essa razão eles não usam roupas, pois isto ocultaria as decorações de seus corpos"⁷³. Mais tarde, Cláudio Claudiano, em um poema

⁷⁰ FRASER, James E. *op. cit.* p. 30.

⁷¹ FRASER, James E. *op. cit.* p. 47.

⁷² FOSTER, Sally M. *op. cit.* p. 18.

⁷³ HERODIANO. *Roman History*. III,14.

do ano 396, dedicado ao terceiro consulado de Honório⁷⁴, menciona que Teodósio "domesticou os ágeis mouros e os bem nomeados pictos"⁷⁵. Em outro poema, dessa vez sobre a Guerra Gótica, do ano de 416, encontra-se: "a legião, protetora dos bretões da fronteira, que manteve os ferozes escotos em cheque, cujos homens examinaram as tatuagens do picto morimbundo"⁷⁶. Em Tácito, na já mencionada passagem (Capítulo 1) quando as tropas reunidas pela confederação da Caledônia encontravam-se frente a frente com o exército de Agrícola, o historiador afirma que mesmo com toda a juventude existente na região, os homens mais velhos estavam ainda robustos e vigorosos, "homens renomados na guerra e portando as decorações adquiridas (*ac sua quisque decora gestantes*)"⁷⁷, o que de acordo com Gillian Carr poderiam representar cicatrizes coloridas (aplicação de pigmentos) ou tatuagens feitas para marcar feitos heróicos em batalha⁷⁸. Em período bem posterior, início do século VII, o bispo e enciclopedista espanhol, Isidoro de Sevilha, em sua obra *As Etimologias* nos diz que: "Também não devemos omitir os pictos, cujo nome deriva de seus corpos, pois um artesão, com a minúscula ponta de um alfinete e o sumo de uma planta nativa, enfeita-os com cicatrizes que servem como marcas identificadoras, e a sua nobreza é distinguida por seus membros tatuados"⁷⁹.

Além dessas fontes clássicas e medievais, existem algumas hipóteses, como a sugerida por Sally M. Foster de que os símbolos encontrados a partir do século VI em monumentos de pedra por todo o norte da ilha, poderiam ter evoluído antes em um meio orgânico que não sobreviveu. Um dos meios de transmissão desses símbolos e de todo o status social devidado deles poderia ter sido o próprio corpo através de tatuagens. A passagem para os monumentos de pedra pode se dever ao fato de que com o crescimento do reino picto tivesse surgido a necessidade de padronizar esses designs⁸⁰.

⁷⁴ Imperador romano do Ocidente entre os anos de 393 e 423. Seu reinado foi marcado pelo saque de Roma em 410 pelo rei visigodo Alarico I.

⁷⁵ [*ille leves mauros nec falso nomine pictos*]. CLÁUDIO CLAUDIANO. *On the third Consulate of Honorius*. VII.

⁷⁶ [*venit et extremis legio praetenta Britannis, quae Scotto dat frena truci ferroque notatas perlegit exanimis Picto moriente figuras*]. CLÁUDIO CLAUDIANO. *The Gothic War*. XXVI.

⁷⁷ TÁCITO. *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 29.

⁷⁸ CARR, Gillian. Woad, tattooing and identity in later Iron Age and early Roman Britain. *Oxford Journal of Archaeology*, 24 (3), 2005. p. 273-292.

⁷⁹ [*nec abest gens Pictorum, nomen a corpore, quod minutis opifex acus punctis et expressus nativi graminis sucus inludit, ut has ad sui, specimen cicatrices ferat, pictis artubus maculosa nobilitas*]. ISIDORO DE SEVILHA. *The Etymologies*. XIX, 23.7.

⁸⁰ FOSTER, Sally M. *op. cit.* p. 78.

4.2 UMA ETNOGÊNESE DE DENTRO PARA FORA

A partir do rótulo étnico, que é aceito por Fraser como uma criação totalmente romana, seguindo as teorias mais aceitas, pode-se chegar a algumas conclusões a respeito de como teria ocorrido a criação da identidade picta: o autor realiza uma comparação do termo latino com seus correlatos em gaélico e galês medieval. Em galês a palavra para picto era *prydyn* e em irlandês antigo eles eram chamados de *chuithni*. Estas duas palavras denotavam um nativo da ilha britânica, assim como *britannii* em latim. Foi no latim que um novo rótulo étnico foi criado – *picti* - o que de acordo com a interpretação do autor, nos informa que após a definição da fronteira norte da ilha no século III, o termo existente e usados para todos os bretões até então tornou-se deficiente, pois agora estava claro quem era um provinciano bretão-romano e quem era bárbaro (aquele que estava para além do *limes* da civilização): foi dentro da *Britannia* que a identidade mudou, não entre os pictos. Os bretões do norte da ilha foram transformados aos olhos dos romanos em pictos provavelmente sem saberem disso. A identidade picta surgiu sem a necessidade de uma nova e totalmente abrangente solidariedade étnica, foi provavelmente a vontade de diferenciação dos bárbaros do norte por parte dos provincianos do sul que criou esta "ideia"⁸¹.

O historiador Eric Hobsbawm, em sua obra *Nações e Nacionalismos desde 1780*, nos fala que as diferenças visíveis são muito frequentemente usadas para marcar, ou reforçar, as distinções *nós x eles*. Nas palavras do autor: “a etnicidade ‘visível’ tende a ser negativa na medida em que é muito mais usada para definir ‘o outro’ do que o próprio grupo. (...) É apenas para eles que somos todos parecidos”⁸². Embora o foco para essa consideração do autor sejam os casos de protonacionalismo e nacionalismo, ela é perfeitamente aplicável ao estudo aqui proposto, pois ajuda a compreender a assertiva de Fraser de que os romanos viram desde cedo a semelhança entre os povos do norte, o que não ocorreu por muito tempo por parte dos próprios. E mais, o caráter pejorativo desses estereótipos percebidos pelos outros é evidente no caso dos pictos, fosse um rótulo com base em fatos ou não (somente para acentuar seu caráter bárbaro). Nesse mesmo sentido, Poutignat e Streiff-Fenart também ressaltam que os "outros" tendem sempre a serem vistos em categorias estereotipadas. Os nomes étnicos nunca

⁸¹ FRASER, James E. *op. cit.* p. 48-49.

⁸² HOBBSBAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 81.

são puramente referenciais, mas igualmente descritivos do tipo de ator social ao qual nos referimos e da relação apropriada a seu respeito⁸³. Quando falamos de pictos, sabemos que estamos falando de bárbaros que tatuavam seus corpos, que portavam um armamento inadequado e que cultivavam outros hábitos "primitivos". As categorias étnicas não existem se não como coleções de categorias que andam juntas em um dado contexto⁸⁴: a categoria pictos contrasta-se com a categoria romanos, que traz atrelada a si categorias como civilização, disciplina, Império, etc.

Não existem evidências convincentes para a ideia de que a identidade picta, o sentimento de pertencimento e solidariedade étnica, significasse alguma coisa para os bretões do norte até o fim do governo romano na ilha. De acordo com Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fernart, é uma ingenuidade acreditar que um rótulo corresponde a um modo de vida e/ou um grupo de pessoas em particular⁸⁵. Na África, a administração colonial e os próprios etnólogos participaram da criação artificial de tribos e etnias através da imposição arbitrária de entônios. Citando Jean Bazin a respeito da etnologia os autores prosseguem: "É, em geral, de um conjunto já nomeado que ela procura saber *a posteriori* se não lhes corresponde alguma cultura comum"⁸⁶. Não se poderia ser alguma coisa sem antes ter sido denominado como tal. Quando os autores do Império Romano escreviam, não existiam pictos propriamente ditos: a solidariedade existente entre os caledônios e os maeatae pode ter sobrevivido e os mantido diferenciados até pelo menos o século VII, quando o termo picto foi adotado pelos assim designados⁸⁷.

4.3 A IDENTIDADE PICTA NOS AUTORES DO IMPÉRIO ROMANO

4.3.1 A identidade dos bretões do norte em Tácito

Embora Tácito chamasse a todos os habitantes da ilha da mesma forma – *britannii* – parece que os romanos, desde muito cedo haviam identificado diferenças entre eles. Não se sabe até que ponto a diferenciação física feita pelos romanos era efetiva, e em caso de resposta afirmativa, se os bretões tinham conhecimento dessas

⁸³ POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. *op. cit.* p. 115.

⁸⁴ POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. *op. cit.* p. 116.

⁸⁵ POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. *op. cit.* p. 63.

⁸⁶ BANZIN, Jean. *A chacun son Bambara*. 1985. In: POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. *op. cit.* p. 81.

⁸⁷ FRASER, James E. *op. cit.* p. 49.

dessemelhanças que separavam os habitantes da Caledônia, dos silures e do restante dos bretões (de acordo com Tácito os primeiros, devido à seus cabelos vermelhos e longos membros teriam uma provável origem germânica; a tez escura e cabelos encaracolados dos silures apontariam para uma origem ibérica; quanto aos demais, a proximidade dos gauleses, seja por um ancestral em comum ou pelas características climáticas semelhantes, teria produzido características físicas similares⁸⁸). As diferenças físicas são marcantes e visíveis e por isso muitas vezes têm maior poder de diferenciação do que desigualdades culturais ou outras mais sutis: elas não só distinguem aos olhos dos romanos os diferentes "tipos" de bretões, como também apontavam sua provável origem. Os habitantes da Caledônia, até pelo menos a década de 1950 era considerados por muitos como tendo uma origem pré-histórica e como falantes de um idioma não indo-europeu, diferentemente do restante dos bretões que teriam origem celta⁸⁹. Ainda na década de 1980, dois grandes estudiosos da relação entre invasores romanos e nativos britânicos, John C. Mann e David Breeze, em seu artigo "Ptolemy, Tacitus and the tribes of north Britain"⁹⁰, defendiam a hipótese de que os caledônios, um dos doze povos identificados por Cláudio Ptolomeu no norte da Grã-Bretanha, tinham origem pré-histórica e por isso teriam dado seu nome ao território, o que não se aplicava aos demais onze povos identificados que teriam origem celta. Pouco depois, em 1998, Paul Dumbavin em seu livro "*Picts and Ancient Britons: an exploration of pictish origins*"⁹¹, defende que os pictos, ao contrário dos outros habitantes da ilha britânica, não teriam origem celta, mas seriam descendentes dos citas. Essa tendência de separar os bretões do norte do demais habitantes da ilha, de tratá-los como um povo à parte, tem início aqui, em Tácito.

Pensando a história da conquista da ilha britânica pelos romanos, outra reflexão pode ser extraída a partir desta diferenciação física feita dos habitantes da ínsula: os silures, designados como tendo origem ibérica (*iberos*), assim como os povos do norte, constituíram um grande foco de resistência à expansão romana. Teria este fato alguma ligação com a diferenciação que é feita com relação ao resto dos bretões? Para Fraser, as

⁸⁸ TÁCITO, *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 11.

⁸⁹ FOSTER, Sally M. *op. cit.* p. 18; CLARKSON, Tim. *op. cit.* p. 5-6.

⁹⁰ _____ & MANN, John C. Ptolemy, Tacitus and the tribes of north Britain. *Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland*, 117, 1987. p. 85-91. Disponível em: <http://www.tarbat-discovery.co.uk/Learning%20Files/Ptolemy,%20Tacitus%20and%20the%20Tribes%20of%20North%20Britain.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2011.

⁹¹ DUMBAVIN, Paul. *Picts and Ancient Britons: an exploration of pictish origins*. Nottingham: Third Millennium Publishing, 1998.

diferenças visíveis poderiam até mesmo ser manifestações de tentativas de diferenciação – cabelos ruivos poderiam ser pintados, por exemplo⁹².

Outra comparação entre bretões e gauleses é feita, dessa vez com relação a inclinação para a guerra. Os bretões (do sul) que já haviam sido muito dados à guerra, teriam perdido sua coragem juntamente com a liberdade, porém, os que permaneciam "do lado fora" da província romana eram ainda muito belicosos⁹³. Os habitantes da Caledônia não estavam somente para além do *limes* do Império, habitavam quase que uma outra ilha: ao falar sobre a derrota da confederação, Tácito menciona que os inimigos de Agrícola tiveram de recuar território a dentro, sendo empurrados "para o que deveria ser chamado de outra ilha"⁹⁴.

No discurso de Agrícola, o general fala a suas tropas que os bretões que enfrentariam eram os mais covardes, e por isso ainda estavam vivos⁹⁵ e, corroborando com essa declaração, Tácito menciona que compo o exército do general romano estavam "alguns bretões de notável bravura"⁹⁶. Os bretões mais bravos, há muito haviam caído ou tinham se aliado ao Império – para sobreviver era necessário submeter-se ou ser covarde e fugir.

Embora Dião Cássio e Tácito não citem exatamente o mesmo tipo de armamento utilizado pelos inimigos dos romanos (Tácito fala em grandes espadas sem ponta e Dião Cássio de pequenas lanças e punhais, por exemplo), a descrição de tais armas de guerra em ambos os autores passa uma ideia de atraso. O uso de carros de guerra e cavalaria (mencionado pelos dois autores)⁹⁷ em terrenos impróprios para o uso de tais aparatos corrobora com a imagem de uma guerra ritualizada, onde a exibição parecia ser mais valorizada do que as táticas de guerra e a organização tão prezadas pelo exército romano. O modo como os bárbaros recebiam os discursos (com entusiasmo, cantos, ruídos e gritos), o barulho feito pelos carros de guerra e pelos cavalos, a desordem e confusão de cavalos em meio a infantaria contrapõem-se vivamente com o ideal de exército romano, onde a disciplina prevalece⁹⁸. Tácito fala ainda que os armamentos dos bretões do norte eram inadequados para uma luta corpo a corpo em campo aberto, já que

⁹² FRASER, James E. *op. cit.* p. 41.

⁹³ TÁCITO, *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 11.

⁹⁴ [*summotis velut in aliam insulam*]. TÁCITO, *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 23.

⁹⁵ TÁCITO, *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 34.

⁹⁶ [*cui ex britannis fortissimos*]. TÁCITO, *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 29.

⁹⁷ TÁCITO, *Life of Cnaeus Julius Agricola*, 36; DIÃO CÁSSIO, *Roman History*. LXXVII, 12.3.

⁹⁸ WELLS, Peter S. "Los pueblos situados fuera de las fronteras del imperio". In: BISPHAM, Edward (Ed.). *op. cit.* p. 334.

estes povos só teriam se engajado em tal tipo de enfrentamento por não terem mais saída – estavam sendo encurralados pelos romanos. Os ataques surpresa na calada da noite aos acampamentos de Agrícola, parecem ser o tipo de contenda à que estes bárbaros estavam acostumados a enfrentar, e suas armas deviam ser pensadas para estas situações – para uma guerra covarde.

4.3.2 A identidade dos caledônios e maeatae em Dião Cássio

Em Dião Cássio, os bretões do norte (caledônios e maeatae) são retratados com uma série de descrições que dificilmente poderiam ser constatadas em evidências arqueológicas, e que se parecem mais com fantasiosos *topoi* utilizados na descrição de povos tidos como bárbaros e primitivos. Os lugares comuns eram um dos aprendizados enfatizados pela educação retórica. A persistência desse sistema educacional através dos tempos legou uma gama de lugares comuns para descrição dos "bárbaros" que acabou criando estereótipos quase que cristalizados. Acresce-se a isso, o fato de que as informações sobre aspectos da vida de povos estrangeiros eram tratados quase que exclusivamente em digressões etnográficas. De acordo com Charles William Fornara, a estes espaços não se aplicavam as "leis da história"⁹⁹, pois permitiam o relato do maravilhoso. Desde Heródoto, a geografia e a etnografia tornaram-se vias populares para introduzir o estranho, o conhecimento genuíno de lugares muito distantes era tão limitado que essas digressões inevitavelmente continham uma mistura de fato e fantasia¹⁰⁰.

A descrição dada por Dião Cássio retrata homens animalizados, já que as faculdades humanas básicas, conquistadas há pelos menos alguns milênios estavam ausentes ali: além de habitarem uma terra inóspita, os caledônios e maeatae não tinham cidades, muralhas, nem praticavam a agricultura. Vivam como caçadores-coletores, em tendas, sem vestimentas e não eram apenas adeptos da poligamia, como tantas sociedades em que até os dias de hoje os homens possuem mais de uma mulher – eles compartilhavam suas mulheres e juntos criavam toda a prole. Não se faz necessário repetir todas as características listadas pelo autor (Capítulo 2), cabendo apenas ressaltar seu caráter fantasioso o qual, proposital ou não, leva a refletir sobre que tipo de informações circulava no Império a respeito destes povos habitantes de terras distantes.

⁹⁹ Evidência e obediência à verdade eram, pelo menos em teoria, obrigatórias na história. FORNARA, Charles William. *op. cit.* p. 15.

¹⁰⁰ *Id. Ibid.*

Após descrever seu modo de vida, Dião conclui “tal é o caráter geral da ilha da Bretanha e esses são os habitantes de, pelo menos, a sua parte mais hostil”¹⁰¹ - o norte é diferenciado do sul mais uma vez, por ser a parte mais hostil, e certamente esses costumes tão primitivos não eram encontrados nos provincianos do sul.

Importante, ressaltar ainda, que mesmo com toda essa caracterização extremamente primitiva, o autor parece mostrar certo respeito para com esses bárbaros: em um encontro entre o líder dos caledônios, Argentocoxus, e Severo, onde estes tratariam um acordo de paz (que malogrou), Dião Cássio atribuiu à mulher do líder bretão uma fala onde esta repreende a imperatriz Júlia Domna. As duas esposas conversavam, quando Júlia falou sobre a liberdade sexual existente entre os bárbaros, e a esposa de Argentocoxus teria respondido: "Nós cumprimos as demandas da natureza de uma maneira muito mais digna do que vocês, mulheres romanas; pois nós nos unimos abertamente com os melhores homens, enquanto vocês se deixam corromper em segredo pelos mais vis"¹⁰². Porém, mais do que uma forma de sinalizar respeito (afinal os dois líderes negociavam em um tom de certa maneira amigável, já que teriam levado suas esposas consigo), o autor parece ter utilizado uma bretã para fazer críticas aos adultérios da imperatriz. Não se tratava então de apenas um homem romano fazendo tal julgamento, era uma bárbara, o que acentua a criticidade da assertiva. Logo após a fala da esposa do líder caledônio, Dião Cássio conclui "tal foi a réplica de uma mulher bretã"¹⁰³. Além de ter em mente a tentativa de atingir Júlia Domna, a análise da reposta colocada na boca da bretã corrobora com a caracterização animalesca feita destes bárbaros do norte, pois embora ela fale que se deitavam com os melhores dos homens, isto se dava abertamente (em público ou sob o conhecimento de todos, não fica claro) para "atender as demandas da natureza" – a procriação?

4.3.3 O primitivismo dos bretões do norte se perpetua na identidade dos pictos

No panegírico dedicado à Constância Cloro, quando o autor anônimo discorre sobre as invasões de Júlio César à ilha, a caracterização dos habitantes da província fala de "uma nação primitiva e acostumada a lutar seminua, como ainda fazem os pictos e os

¹⁰¹ [τοιαύτη μὲν τις νῆσος ἢ Βρεττανία ἐστὶ, καὶ τοιοῦτους οἰκῆτορας ἢ γε πολεμία ἔχει]. DIÃO CÁSSIO. *Roman History*, LXXVII, 12.5.

¹⁰² [πολλῶ ἄμεινον ἡμεῖς τὰ τῆς φύσεως ἀναγκαῖα ἀποπληροῦμεν ὑμῶν τῶν Ῥωμαϊκῶν: ἡμεῖς γὰρ φανερωῶς τοῖς ἀρίστοις ὀμιλοῦμεν, ὑμεῖς δὲ λάθρα ὑπὸ τῶν κακίστων μοιχεύεσθε]. DIÃO CÁSSIO. *Roman History*, LXXVII, 16.5.

¹⁰³ DIÃO CÁSSIO. *Roman History*, LXXVII, 16.5.

irlandeses”¹⁰⁴. Deve-se essa evolução dos habitantes da província somente à influência romana ou não, o fato é que esses costumes primitivos não são mais cultivados ali, porém, permanecem ainda – quase três séculos após a conquista romana - entre os pictos e os irlandeses.

É da interação cultural que emergem as diferenças, pois um grupo étnico nunca é definido *per se*. Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart diferenciam categorias étnicas e grupos étnicos: as primeiras, corresponderiam a um agregado de indivíduos colocados em condições comuns ou percebidos como similares pelos *outsiders*. Os últimos, só aparecem quando tais indivíduos compartilham um sentimento de pertença comum, uma crença em uma mesma origem e dispõem de organizações unificadoras¹⁰⁵. Por mais contato que os povos do norte tivessem com seus vizinhos do sul, eles dificilmente teriam percebido estas diferenças identificadas pelos romanos, cada etnia ou povo devia ver claramente as diferenças entre si e os demais, mesmo entre os bretões do norte; para eles, a linha que vai do estuário de Clyde ao estuário de Forth e que divide a ilha em norte e sul não deveria ter sido tão clara como foi para os romanos desde muito cedo.

Mesmo depois da criação de um rótulo que abrangia todo o norte ter sido criado, as etnias pré-existentes, os diversos povos bretões identificados por Ptolomeu, ainda existiam (pelo menos algumas delas). Evidência disso é o próprio panegírico de Constantino, onde aparece a já mencionada passagem: “as florestas e pântanos dos caledônios e outros pictos”¹⁰⁶. Os caledônios ainda deviam ver a si mesmos como caledônios, entre os outros podem estar ainda os maeatae, além dos verturiones, outra etnia do norte que fazia parte dos pictos segundo os romanos (mencionada pela primeira vez por Amiano Marcelino¹⁰⁷ e que sobreviveu durante parte da Idade Média). Para Fraser, tanto para as fontes romanas do século III e IV, quando para as medievais do século VII e VIII, a identidade picta correspondia a um senso de propósito comum compartilhado pelos povos do norte da Grã-Bretanha. Porém, aos olhos dos romanos, até o século IV, o link que unia todos esses povos não era necessariamente uma solidariedade étnica, mas sim o compartilhamento de uma ausência de *romanitas*.

¹⁰⁴ Anonymous. *Panegyric of Constantius* (VIII), 11.4.

¹⁰⁵ POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. *op. cit.* p. 82-83.

¹⁰⁶ Anonymous. *Panegyric of Constantine* (VI), 7.2.

¹⁰⁷ AMIANO MARCELINO. *Res Gestae*. XXVII, 8.5.

A língua dos pictos se perdeu totalmente, contudo, todas as evidências de inscrições do início da Idade Média e de nomes de lugares apontam que um dialeto bretão era falado no norte da insula. A hipótese de que os pictos tinham um sistema de sucessão real matrilinear, o que os distinguiria de todos os seus vizinhos bretões e irlandeses, também corresponde mais a uma prática de exceção do que efetiva, não sendo forte o suficiente para minar as similaridades linguísticas e culturais compartilhadas por todos os bretões¹⁰⁸. Sendo assim, só pode ter sido a consciência dos bretões provincianos, talvez incentivada pela Igreja cristã florescente¹⁰⁹, de que eles não eram pictos como seus vizinhos do norte que levou a criação dessa identidade¹¹⁰. Porém, definições exógenas e endógenas não podem ser analisadas separadamente porque estão em uma relação de oposição dialética: "Um grupo não pode ignorar o modo pelo qual os não membros o categorizam e, na maioria dos casos, o modo como ele próprio se define só tem sentido em referência com essa exo-definição".¹¹¹ O descobrimento do termo latino deve ter levado os povos por ele designado a trabalhar para borrar as linhas bem definidas que os diferenciavam, já que por volta do ano 550 surge o primeiro rei autodesignado picto.

¹⁰⁸ A tese da sucessão matrilinear é baseada em contos de origem gaélicos e na "Lista de reis pictos" do século IX.

¹⁰⁹ A lentidão na conversão ao cristianismo por parte dos pictos é outro elemento utilizado no período medieval para acrescentar seu caráter bárbaro.

¹¹⁰ FRASER, James E. *op.cit.* p. 51-54.

¹¹¹ POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. *op. cit.* p. 143.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo a teoria de James E. Fraser, de que a identidade picta foi primeiramente uma construção dos *outsiders* (provincianos e romanos), tentei mostrar no presente trabalho possíveis traços dessa construção nos escritos de autores do Império Romano. Um dos elementos apresentados foi a gradual aglomeração dos diversos povos existentes no norte da ilha que pode ser verificado através das nomenclaturas. Tácito fala sobre uma confederação, formada pelas diversas *civitates* de bretões do norte, confederação esta formada para enfrentar Agrícola e que se dissipou logo após sua derrota. O nome atribuído à parte norte da ilha, que ficava para além dos limites da província, era Caledônia. Um dos povos identificados na geografia de Cláudio Ptolomeu como habitantes desse território eram os caledônios, o que pode nos sugerir que talvez se tratasse de uma *civitas* proeminente perante as demais, dando seu nome à região. Os caledônios teriam englobado ao redor da sua identidade diversos povos na época de Sétimo Severo, segundo relato de Dião Cássio. Além dos caledônios, essas etnias teriam se fundido também ao redor de outro *genos*: os *maeatae*. Por fim, em um panegírico de autoria anônima destinada ao imperador Constâncio Cloro, os habitantes do norte são identificados como *pictos*. De acordo com Fraser, ele seriam *pictos* sem nem terem consciência disso, e o próprio termo "*pictos*" traz em si algumas sugestões dessa construção de fora para dentro, já que a interpretação mais aceita, a de que o termo derivaria do latim "os pintados", traz consigo a visão de todo um povo através de uma característica física que seria mais visível e marcante, assim como estereotipada e simplificadora. Além de existir a possibilidade de que tal prática não existisse, ou pelo menos não fosse tão difundida, sendo o termo utilizado apenas como uma referência pejorativa para acrescer a barbárie dos assim designados.

Outro elemento apresentado, foi a caracterização dada à esses povos, caracterização esta que tende a afastá-los dos bretões provincianos, criando desde muito cedo uma aura diferenciada para o norte. Em Tácito parece haver um tipo de gradação no nível de barbárie: em um nível mais sutil estariam os gauleses, seguidos pelos bretões do sul e, no ápice da selvageria, estariam os bretões da Caledônia. Ao mesmo tempo que o autor diz que os gauleses e os bretões conquistados perderam sua coragem juntamente com sua liberdade, ele dá a entender que isso é preferível à resistência da Caledônia, especialmente por estes não se engajarem desde o princípio em uma combate

aberto, preferindo as "covardes" táticas de guerrilha. Parece que o comportamento adequado por parte de um bárbaro seria se deixar dominar (fazer alianças), morrer em uma batalha aberta e justa ao modo greco-romano e, no caso dos mais valentes, ingressarem nas forças romanas. Os bretões do norte têm ainda uma origem diferenciada, o que os distingue mesmo visualmente dos demais habitantes da ilha, e não só isso: suas características físicas apontariam para uma origem germânica, e é de se considerar o fato que os povos germânicos foram causadores de grandes prejuízos para o Império Romano, estando entre seus principais inimigos. Em Dião Cássio, a caracterização feita dos habitantes do norte é deveras fantasiosa, legando-nos uma imagem animalésca. Todas as características ali descritas parecem se opor em alguma medida com o ideal de vida romano. Os bretões que estavam dentro da parte romana da ilha, seus aliados (embora com focos de resistência e revolta) certamente eram considerados em um nível menor de barbárie, exemplo disso, é o panegírico de Constâncio, onde o autor anônimo fala que os bretões nos tempos das invasões de Júlio César lutavam nus, assim como ainda faziam os pictos e os irlandeses – os bretões já não o faziam mais. E após os panegíricos latinos, ser bretão já não se aplicava mais ao norte, o que é confirmado em Amiano Marcelino (Capítulo 4): agora eram pictos e estavam mesmo em oposição a estes bretões. No entanto, no panegírico de Constantino, o discurso proferido menciona "caledônios e outros pictos", mostrando que mesmo quando o rótulo étnico *pictos* já estava sendo empregado por parte dos romanos, as outras identidades como caledônios, provavelmente *maeatae*, e outras, ainda continuavam a existir. Talvez estas fossem as únicas de conhecimento desses povos, e eles ainda nem soubessem que eram todos coletivamente pictos.

Na teoria de Barth, sobre o qual Poutignat e Streiff-Fenart discorrem, a nomenclatura por parte dos outros não é somente um aspecto revelador das relações interétnicas, mas é por si própria produtora de etnicidade. E mais, essas exo-definições têm o poder de fazer existir na realidade uma coletividade de indivíduos a despeito do que os indivíduos assim nomeados pensam sobre sua pertença a uma determinada coletividade, pois estas definições tendem a ser globalizantes e a ativar categorias que são unificadoras e diferenciadoras ao mesmo tempo, baseadas em similaridades simplificadoras, frequentemente com base num traço pejorativo¹¹². O exame das informações contidas nas fontes estudadas unido ao suporte teórico de Barth e Fraser

¹¹² POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. *op. cit.* p. 143-144.

permite chegar a conclusão de que a identidade picta, muito antes de ter sido forjada como sinônimo de uma solidariedade étnica, se tratou de uma forma de distanciamento social por parte dos não-pictos.

REFERÊNCIAS

A) FONTES PRIMÁRIAS

AELIUS SPARTIANUS. *Historia Augusta*. Hadrian. Disponível em: http://www.livius.org/hi-hn/ha/hist_aug.html. Acesso em: 27 de outubro de 2012.

AMIANO MARCELINO. *Roman Antiquities*. Book XXVII. Traduzido por Bill Thayer. Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Ammian/27*.html. Acesso em: 13 de abril de 2012.

Anonymous. Panegyric of Constantine (VI). In: NIXON, C. E. V. & RODGERS, Barbara Saylor. *In Praise of Later Roman Emperors: The Panegyrici Latini*. Introduction, translation and historical commentary, with Latin text of R. A. B. Mynors. Oxford: University of California Press, 1994.

Anonymous. Panegyric of Constantius (VIII). In: NIXON, C. E. V. & RODGERS, Barbara Saylor. *In Praise of Later Roman Emperors: The Panegyrici Latini*. Introduction, translation and historical commentary, with Latin text of R. A. B. Mynors. Oxford: University of California Press, 1994.

DIÃO CÁSSIO. *Roman History*. Book LXXVII. Traduzido por Bill Thayer. Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Cassius_Dio/77*.html. Acesso em: 13 de abril de 2012.

DIÃO CÁSSIO. *Roman History*. Greek Text. Earnest Cary. Herbert Baldwin Foster. William Heinemann, Harvard University Press. London; New York. 1914. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:2008.01.0593:book=27:chapter=93:section=2>. Acesso em: 07 de setembro de 2012.

CLÁUDIO CLAUDIANO. *On the third Consulate of Honorius*. Traduzido por Bill Thayer. Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Claudian/De_III_Consulatu_Honorii*.html. Acesso em: 23 de junho de 2012.

CLÁUDIO CLAUDIANO. *The Gothic War*. Traduzido por Bill Thayer. Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Claudian/De_Bello_Gothico*.html. Acesso em: 23 de junho de 2012.

HERODIANO. *Roman History*. III.14 Traduzido por Edward C. Echols: Herodian of Antioch's History of the Roman Empire. Berkeley and Los Angeles: 1961. Disponível em: <http://www.livius.org/he-hg/herodian/hre314.html>. Acesso em: 03 de junho de 2012.

ISIDORO DE SEVILHA. *The Etymologies*. XIX. Disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com/isidore/19.shtml>. Acesso em: 25 de outubro de 2012.

PTOLOMEU. *Geography*. III.2. Disponível em: http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Gazetteer/Periods/Roman/_Texts/Ptolemy/2/2*.html. Acesso em : 15 de novembro de 2012.

SÃO GILDAS. *A Destruição Britânica e sua Conquista* (c. 540-546), II.19. Tradução de Bruno Oliveira sob coordenação de Ricardo da Costa. Disponível on-line em: <http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/destruicaobritanica.pdf>. Acesso em: 26 de junho de 2012.

TÁCITO. *Life of Cnaeus Julius Agricola*. Traduzido por Alfred John Church e William Jackson Brodribb. Disponível em: <http://www.fordham.edu/halsall/ancient/tacitus-agricola.asp>. Acesso em: 13 de abril de 2012.

TÁCITO. *Dialagus; Agrícola; Germania*. English translation with latin text. London: W. Heinemann, 1914.

B) BIBLIOGRAFIA GERAL

ARMIT, Ian. Inside Kurtz's Compound: Headhunting and the Human Body in Prehistoric Europe. *Bar International Series*, v. 1539, 2006. p. 1-14.

BIRLEY, A. R. The Agricola. In: WOODMAN, A. J. *Cambridge Companion to Tacitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 47-58.

BISPHAM, Edward (ed.). *Europa Romana*. Oxford: Oxford University, 2009.

BREEZE, David. *Edge of the Empire: The Antonine Wall, Rome's Scottish frontier*. Edinburgh: Birlinn Ltd, 2008.

_____. Roman's forces and native populations. *Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland*, 115, 1985. p. 223–228. Disponível em: http://ads.ahds.ac.uk/catalogue/adsdata/arch-352-1/dissemination/pdf/vol_115/115_223_228.pdf. Acesso em: 12 de agosto de 2011.

_____. Why did the Romans fail to conquer Scotland? *Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland*, 118, 1988. p. 3-22. Disponível em: http://ads.ahds.ac.uk/catalogue/adsdata/arch-352-1/dissemination/pdf/vol_118/118_003_022.pdf. Acesso em: 12 de agosto de 2011.

_____ & MANN, John C. Ptolemy, Tacitus and the tribes of north Britain. *Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland*, 117, 1987. p. 85-91. Disponível em: <http://www.tarbat-discovery.co.uk/Learning%20Files/Ptolemy,%20Tacitus%20and%20the%20Tribes%20of%20North%20Britain.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2011.

CARR, Gillian. Woad, tattooing and identity in later Iron Age and early Roman Britain. *Oxford Journal Of Archaeology*, 24(3), 2005. p. 273–292 .

CLARKSON, Tim. *The Picts*. A history. Glasgow: Bell & Bain Ltd, 2010.

CONAN, O Bárbaro. *Na Terra dos Pictos*. São Paulo: Editora Abril Jovem, 1994, n 23.

DUMBAVIN, Paul. *Picts and Ancient Britons: an exploration of pictish origins*. Nottingham: Third Millennium Publishing, 1998.

FERREIRA NETO, Edgar. História e Etnia. In: CARDOSO, C. F. & VAINFAS, R. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2007.

FORNARA, Charles William. *The nature of history in ancient Greece and Rome*. London: University of California Press, 1983.

FOSTER, Sally M. *Picts, Gaels and Scots. Early Historic Scotland*. Londres: B. T. Batsford Ltd, 2006.

FRANCHI, Ana Paula. O discurso panegirístico e a legitimação do poder no século IV d.C. *Revista Vernáculo*, n. 19 e 20, 2007. p. 99-108.

FRASER, James E. *From Caledonia to Pictland. Scotland to 795*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009.

GREEN, Miranda (Org.). *The Celtic World*. London: Routledge, 1996.

GREIN, Everton. Translatio ad mundus transformação do mundo romano em antiguidade tardia. *História Da Historiografia*, n. 3, setembro 2009. p. 106-122. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/rhh/index.php/revista/article/view/71>. Acesso em: 28 de junho de 2012.

GRIMAL, Pierre. *El Imperio Romano*. Barcelona: Crítica, 2000.

HAYWOOD, John. *Os Celtas: da idade do bronze aos nossos dias*. Lisboa: Edições 70, 2004.

_____. *The Historical Atlas of the Celtic World*. London: Thames & Hudson, 2009.

HIND, J. G. F. Caledonia and its occupation under the Flavians. *Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland*, 113, 1983. p. 373-378. Disponível em: http://ads.ahds.ac.uk/catalogue/adsdata/arch-3521/dissemination/pdf/vol_113/113_373_378.pdf. Acesso em: 15 de outubro de 2011.

HINGLEY, Richard. *O imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha*. São Paulo : Annablume, 2010.

_____. Recriando coerência sem se reinventar a romanização. *Aulas*, v. 2, 2006. Disponível em: http://www.unicamp.br/~aulas/volume02/pdfs/romanizacao_2.pdf. Acesso em: 10 de maio de 2012.

_____. Society in Scotland from 700 BC to AD 200. *Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland*, 113, 1992. p. 373-378 Disponível em: http://ads.ahds.ac.uk/catalogue/adsdata/arch-3521/dissemination/pdf/vol_122/122_007_053.pdf. Acesso em: 10 de maio de 2012.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

JOLY, Fábio Duarte. Ética, retórica e poética no *Diálogo dos Oradores* e a concepção de história em Tácito. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 16, n. 30, p. 19-46, 2009.

MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. Entre frivolidade literária e sátira política: a *Historia Augusta*. In: ARAÚJO, Sônia Regina R. de. ROSA, Claudia Beltrão da. & JOLY, Fábio Duarte (org.). *Intelectuais, poder e política na Roma Antiga*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2010. p. 207-334.

MARQUES, Juliana Bastos. “Uma análise dos estudos críticos sobre Tácito”. *Alétheia*, 2008.

MELLOR, Ronald. *The Roman Historians*. London & New York: Routledge, 1999.

MENDES, Norma Musco. Romanização: A historicidade de um conceito. In: CAMPOS, A. P. et al. (Org.). *Os Impérios e suas matrizes políticas e culturais*. Vitória: Flor & Cultura, 2008. p. 37-52.

MILLER, M. Stilicho’s Pictish War. *Britannia*, v. 6, 1975. p. 141-145.

PEIXOTO, Pedro Vieira da Silva. Dois momentos distintos da historiografia antiga sobre os “*barbarói*”: do distante ao próximo. In: I Congresso Internacional de Religião, Mito e Magia na Antiguidade, 2010, Rio de Janeiro. *Anais:....* Rio de Janeiro: UERJ, 2010. p. 283-295.

POUTIGNAT, P. & STREIFF-FENART, J. *Teorias de Etnicidade*. Seguido de “Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth”. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

STEWART, Peter. C. N. Inventing Britain: The Roman creation and adaptation of an image. *Britannia*, v. 26, 1995. p. 1-10.

C) OUTROS RECURSOS

A HISTORY of Scotland – The Last of the Free. Directed and produced by: Sarah Barclay, et. al. London: BBC Worldwide Ltd, 2010, DVD, colour.

CENTURIÃO. Direção: Neil Marshall. Distribuidora: PlayArte Filmes, 2010. 1 DVD (97 min), color, Dolby Digital. Título Original: Centurion.

LIVIUS. <http://www.livius.org/>. Acesso em: 24 de outubro de 2012.

MURRAY, Stephen J. At the Empire’s edge. Artigo do website *From dot to Domesday*: http://www.dot-domesday.me.uk/h_wall.htm. Acesso em: 04 de agosto de 2012.

PERSEUS Digital Library. <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>. Acesso em: 24 de outubro de 2012.